

CENTRO UNIVERSITÁRIO FEEVALE

CECÍLIA LIMA DA SILVA

DISCURSO ESCOTEIRO:

Um olhar retórico sobre o escotismo

Novo Hamburgo, 2006.

CECÍLIA LIMA DA SILVA

DISCURSO ESCOTEIRO:

Um olhar retórico sobre o escotismo

**Centro Universitário Feevale
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas
Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda
Trabalho de Conclusão de Curso**

Professora Orientadora: Ana Ângela Farias

Novo Hamburgo, novembro de 2006.

CECÍLIA LIMA DA SILVA

Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda, com o título **DISCURSO ESCOTEIRO: Um olhar retórico sobre o escotismo**, submetido ao corpo docente do Centro Universitário Feevale, como requisito necessário para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Aprovado por:

Ana Ângela Farias

Professor 1:

Banca Examinadora

Maria Berenice Machado

Professor 2:

Banca Examinadora

Julião Aibar Tesch

Novo Hamburgo, novembro de 2006.

Agradecimentos

*Agradeço sobretudo a Deus,
pela oportunidade de trilhar num
caminho iluminado como a graduação.*

*À minha orientadora Ana Ângela com quem tive a prova
de que temos ao nosso lado a pessoa certa, no momento certo e
que me ajudou a enxergar a grandeza de um professor.*

*Aos meus amados pais e minha avó Ernestina que tanto
se empenharam para auxiliar em meus estudos.*

*À minha irmã, meu irmão e todos os meus primos e
amigos, em especial a Phinã e a Tia Aline, por tornarem as
minhas viagens de ônibus mais coloridas - dividindo medos,
angústias, alegrias, sonhos, risos, expectativas e esperanças de
ter um carro pra dar carona pra todo mundo. À minha amiga
Nessa, por acreditar em meu potencial.*

*Aos meus seniores e guias, meu Chefe Mário Muraro e
meu querido patrulheiro Paulo Ricardo, por me auxiliarem a
manter sempre acesa a minha velinha do escotismo.*

Ao chefe Marcelo, por aceitar ser meu estudo de caso.

*A todos que me disseram “Vai dar tudo certo” e que me
disseram o que eu precisava ouvir.*

*E por último, para que seja o mais lembrado, meu
incomensurável agradecimento ao meu filho Pedro Henrique, por
compreender e perdoar tantas ausências, me ajudando a crescer
a cada dia, encarando as vicissitudes da vida com mais coragem
e com mais amor!*

*“Quem deseja ter razão decerto a terá
com o mero fato de possuir língua”*

Goethe

RESUMO

O presente trabalho versará sobre o discurso retórico e sobre como esse continua atuante no dia-a-dia das sociedades, sendo possível visualizá-lo nas relações dialógicas, nas campanhas publicitárias, eleitorais e até mesmo nos grupos sociais. Um exemplo disso é o que acontece no escotismo, uma organização não governamental internacional que tem no papel do adulto, a responsabilidade de transmitir aos jovens escoteiros os fundamentos que esse movimento prevê. A pesquisa mostra a existência de traços retóricos no comportamento do chefe escoteiro e que isso gera resultados, pois os jovens não apenas seguem as instruções transmitidas pelo adulto como criam e fortalecem a cada comunicação, a imagem que têm do chefe escoteiro – fato semelhante ao que ocorria com os bem sucedidos oradores dos primórdios júris populares das arenas Gregas.

Palavras-Chave: Discurso, Retórica, Escotismo, Comunicação.

ABSTRACT

The present study discusses rhetorical discourse and how it continues to act in the day-to-day of society, visible dialogical relations, publicity and election campaigns, and even in social groups. One example of this is what happens in scouting, an international non-governmental organization whose role and responsibility as adults is to transmit to young scouts the fundamentals to which the movement aspires. The research shows that there are traces of rhetoric in the scoutmaster's behaviour and that this generates results, as youngsters not only follow the instructions given by the adult, but also through communication create and strengthen their image of the scoutmaster, similar to what happened among the successful orators in the earliest popular juries of the arenas of ancient Greece.

Keywords: Discourse, Rhetoric, Scouting, Communication.

SUMÁRIO

1	VIAGEM AOS TEMPOS RETÓRICOS	14
1.1	Um breve passeio histórico.....	14
1.2	O começo de tudo.....	15
1.3	Caminhos retóricos	20
1.4	Mas afinal, qual é o porto retórico?.....	23
1.5	A luta do convencer x o persuadir.....	29
1.6	Entendimento e vontade em ambiente retórico.....	31
1.7	Quando a linguagem interage com a argumentação	34
2	UM DESPERTAR PARA O ESCOTISMO	37
2.1	Histórico.....	37
2.2	Sobre o escotismo em si.....	41
2.3	Método escoteiro	45
2.3.1	A adesão à promessa e à lei escoteira.....	46
2.3.2	As tarefas do adulto.....	47

2.4	Um olhar atento ao público-alvo do escotismo: os jovens	53
2.5	O adestramento	55
3	ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA	57
3.1	METODOLOGIA	57
3.2	Tipos de Pesquisa	59
3.3	Definições dos métodos que vão ser utilizados	60
3.4	Técnica de Coleta de Dados.....	62
3.5	Análise dos Dados.....	62
3.6	Tipo de análise do chefe escoteiro como comunicador	62
3.7	Análise qualitativa do chefe escoteiro como comunicador.....	63
3.8	Análise quantitativa: questionário aplicado aos jovens	72
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
	ANEXO I – INSTRUMENTO DE COLETA.....	92
	ANEXO II – PROGRAMAÇÃO DA ATIVIDADE	99
	ANEXO III – RELATO DO CHEFE ESCOTEIRO	102

INTRODUÇÃO

Com o impacto das novas tecnologias e as transformações que as mesmas trouxeram para o ambiente social, poucos são os olhares existentes atualmente para as relações dialógicas. Relações essas que independente dos adventos da comunicação, nenhum autor arrisca afirmar que deixarão de existir; podem sofrer transformações, ter seus meios modificados, mas nunca sua extinção.

Ao observar o conteúdo das relações dialógicas, percebe-se a presença de argumentos retóricos. A comunicação faz parte da natureza humana, é uma necessidade, tanto que nos comunicamos até mesmo inconscientemente ao escolhermos essa ou aquela roupa, esse ou aquele prato num restaurante. Essa carência de compreensão, apoio e amparo fazem com que o homem utilize a retórica para unir o interesse dos outros aos seus, à satisfação de seus objetivos e necessidades.

Sendo esse o processo das relações humanas, haveria diferença quando se tratasse de um grupo e de transmissões de valores dentro desse? Essa questão

despertou o interesse por este estudo e a partir da mesma estabeleceu-se como problema o seguinte questionamento:

De que modo ocorrem os processos de comunicação entre os chefes e os jovens escoteiros tendo por base os discursos retóricos?

A partir do problema de pesquisa, pôde ser estabelecido, também, o objetivo geral do trabalho que foi analisar o discurso dos processos de comunicação entre os chefes e os jovens escoteiros.

Com base nisso, as respostas encontradas nessa pesquisa podem ter o potencial de contribuir para sugestões de aprimoramento dos processos de comunicação já existentes no método escoteiro bem como fortalecer a discussão sobre a atual presença dos discursos retóricos em nossas relações humanas, visto que alguns autores insistem em dizer que a retórica é algo que deixou de existir e que essa existiu apenas nos tempos de Aristóteles.

Também foi importante estabelecer alguns objetivos específicos que essa pesquisa se propôs a atingir, e que serviram como norteadores para a realização da mesma. São os seguintes:

Compreender o chefe escoteiro como emissor de discurso retórico;

Analisar o processo de transmissão de valores relacionados ao movimento escoteiro através das estratégias discursivas entre chefe e jovens escoteiros;

Aferir qual é a imagem que os jovens escoteiros sustentam a respeito do chefe.

Cabe ressaltar que este trabalho está estruturado em capítulos, sendo que o primeiro apresenta um estudo elaborado a partir de pesquisa bibliográfica e refere-se à retórica, seu histórico e seus conceitos, utilizando-se como base o autor Aristóteles, citando valiosas contribuições de Perelman e Silverstone. Além dos autores já citados faz-se referência a significativos estudos da comunicação contemporânea, com a colaboração de autores que abordam a sobrevivência da retórica até os dias atuais, como Eco, Halliday, Farbiarz e Pascal. Esse último tendo especificamente uma breve colaboração falando sobre a forma como absorvemos as informações.

O segundo capítulo fala especificamente sobre o escotismo, visando conceituar e compreender seus fundamentos e sua importância para a sociedade. A fonte principal desse capítulo é Baden Powell, fundador do escotismo. Não esquecendo outros estudiosos do assunto e que servirão de apoio para estes estudos, dos quais cabe destacar: Larson, Monteiro e Nagy.

Após a apresentação das estratégias metodológicas, o trabalho concentra-se na análise do trabalho realizado pelo chefe selecionado para a pesquisa e nos dados obtidos durante a aplicação do questionário, estabelecendo assim, as

fundamentações para a finalização do trabalho. Deste modo, apresentam-se, em seguida, as considerações finais, e, por fim, seguem os anexos.

1 VIAGEM AOS TEMPOS RETÓRICOS

Ao embarcar nessa viagem aos tempos retóricos, faz-se um retorno ao passado. Respira-se a remota atmosfera das arenas gregas, defronta-se com a origem da retórica, seus conceitos e sua presença nos dias de hoje, além de percorrer-se por trilhas e caminhos, aportar e presenciar a interação da linguagem e da argumentação.

1.1 Um breve passeio histórico

As discussões a cerca da retórica se estendem até os dias de hoje e sua definição exata está distante de um consenso. Tamanha sua magnitude e diversidade, continua gerando polêmica e, ironicamente, utiliza-se inclusive de retórica para explicar seu conceito. Não temos o atrevimento de fazer tão longo estudo, pois filósofos e outros estudiosos discutem até mesmo teologia na busca por uma explicação sistemática para a retórica. Seguiremos o pensamento de Aristóteles (1998), sistematizador do conceito, e aprofundaremos a discussão com as teorias de Perelman (1997). Os dois autores concordam que em retórica, o apelo utilizado é o

emocional. Fator por sinal muito presente também nas relações dialógicas, que serão o objeto de estudo deste trabalho.

A habilitação em Publicidade e Propaganda torna interessante acrescentar Silverstone (1999) a este estudo, pois esse autor vai posicionar a publicidade como uma industrialização da retórica. Perelman (1997) previu que com a perda das ilusões do racionalismo, e do positivismo, a sociedade tomou consciência de inúmeras noções confusas e da importância de juízos de valor, afirmando que a retórica deveria voltar a ser um estudo vivo, uma técnica de argumentação nas relações humanas e uma lógica dos juízos de valor. Da mesma forma, as contribuições de Halliday (1990), Umberto Eco (2001) e Farbiarz (2003) também merecem destaque nesse trabalho, pois suplementam os temas aqui abordados apontando direções interessantes rumo a uma compreensão maior.

1.2 Onde tudo começou

Na primeira parada dessa viagem pela retórica, chegamos ao marco inicial da mesma que é a sociedade grega, visto ser essa a primeira referência a um estado de base democrática nas sociedades ocidentais. Num momento histórico onde a democracia se impôs à tirania, a retórica tem seu pleno desenvolvimento. Após a consolidação da democracia ateniense, todos os cidadãos passam a participar de forma direta nas assembleias populares, que possuíam funções legislativas, executivas e judiciárias.

Naquela época, o exercício da função política dependia da habilidade em raciocinar, falar e argumentar corretamente, forçando uma demanda por professores que proporcionassem uma educação esmerada: a necessária "educação política", pois todos os assuntos eram submetidos ao voto popular. A prática da retórica está tradicionalmente associada ao exercício da democracia e naqueles tempos remotos a base de tudo era o discurso verbal. No entanto, hoje em dia sabe-se que os discursos escrito e visual também se manifestam com muita relevância.

Segundo Halliday (1990), todos temos a capacidade de usar a linguagem para influenciar os outros e a de sermos influenciados pelo discurso alheio. Essa capacidade é o que permite a ação retórica. Trata-se de um meio de fazer com que as pessoas entendam o que queremos que elas compreendam; desde bebês, nos vemos diante de situações retóricas, tanto que defendemos posições, utilizamos justificativas e independente de se lidar com verdade ou mentira, ocorrem casamentos de interesses e são exercidas influências. Logo, não é difícil concluir que agimos retoricamente. Halliday considera retórica como:

Comunicação que propõe (não impõe) uma visão da realidade que corresponde a desejos ou necessidades do retor e à sensibilidade e aos interesses de seu público. A retórica serve para influenciar situações. Essa influência é mais ou menos exercida na medida em que o público aceite a definição da realidade que lhe é proposta. (HALIDAY, 1990, p. 30).

Cabe observar que essas propostas necessitam de algo que identifique as metas e valores do emissor.

Embora conhecida como técnica para uns e como a arte da persuasão para outros, a retórica de Aristóteles (1998, p. 22) é conhecida como algo que “ocupa-se da arte da evocação imaginária, do discurso feito com fins persuasivos”. Portanto, se a retórica está diretamente relacionada com a persuasão, não espanta que os ensaios em torno da oratória, da manipulação e do ato de convencer caminhem próximo ao contexto retórico. Existe uma anuência de que tanto a retórica quanto o estudo da mesma tem em vista a elaboração de discursos com finalidades persuasivas. Analisando os estudos de Silverstone (1999, p. 63) temos mais que uma confirmação disso, pois o autor vai afirmar que “Acima de tudo, retórica é persuasão. Linguagem orientada para a ação, para a mudança de sua direção e para sua influência. É também linguagem orientada para a mudança de atitude e de valor”. Por essa característica que os traços retóricos têm tanta presença e significado na área da publicidade.

O objetivo de seduzir o público faz com que o discurso retórico seja um elemento muito importante no meio publicitário. Quantas mensagens não são transmitidas diariamente na televisão, no rádio e na internet, contendo os mais variados tipos de apelos retóricos? Quantas atitudes têm sua origem na influência de um ou mais discursos retóricos? Encontrar números que expressem essas situações parece ser uma tarefa extremamente complicada, pois a retórica é algo muito mais presente “do que imagina nossa vã filosofia”. Sua utilidade está na possibilidade de debate de mais de um lado de uma questão, como o próprio Aristóteles é categórico em colocar: “sem ela, a verdade pode ser derrotada num debate”. Segundo o autor, o sucesso retórico estaria escondido entre três meios de persuasão: “os derivados do caráter do orador; os derivados da emoção despertada pelo orador nos ouvintes;

e os derivados de argumentos verdadeiros ou prováveis” (1998, p. 24). Portanto, ao tratar de retórica sabe-se que está embutida uma necessidade de se argumentar algo.

Num discurso retórico, não pode faltar a presença de uma opinião, que é sustentada por um orador contra a opinião de outro orador, sendo que tanto o primeiro como o segundo são interlocutores do mesmo processo de comunicação. O sucesso do discurso depende das habilidades de cada orador, bem como da renúncia que fazem à violência da imposição do outro, assim como reconhecem também no outro a dignidade de quem pode ser racionalmente convencido. Nesse sentido, a pronúncia tem papel preeminente, tanto que Aristóteles afirma:

A pronúncia ocupa-se dos cuidados a ter com o movimento, a expressão e a modulação da voz em função das seguintes qualidades: volume, altura e ritmo. O estilo é necessário, mas deve funcionar mais como simples técnica de ornamentação. O mesmo se passa com a disposição dos argumentos. (ARISTÓTELES, 1998, p. 29).

Faz-se necessário que o orador conheça a si próprio, suas capacidades e limitações pois, acabando as alternativas ou possibilidades de escolha perde-se o direito de exercer sua liberdade, e com isso: o seu discurso é derrotado. As afirmações de Perelman vem complementar essa questão:

Entende-se ao conjunto da argumentação: assim como a personalidade do orador garante a seriedade da argumentação, inversamente, uma argumentação fraca ou desastrosa diminui a autoridade do orador. (PERELMAN, 1997, p. 75).

O orador reconhece a cada momento o que se passa em sua consciência e ao mesmo tempo, procura imaginar o que estaria na consciência do adversário, afim de melhor preparar-se no discurso. Ocorre então, uma interação social. E o próprio auditório também participa desse processo, pois mesmo que não podendo manifestar-se, acaba expressando pela forma como presta atenção ao que acontece, deixando escapar sua aprovação ou reprovação diante do discurso.

Eco (2001) define retórica como um raciocínio que emprega frases feitas e opiniões estabelecidas, somadas a apelos à emoção – muitas vezes desgastados e consumidos, mas ainda eficazes para ouvintes nem tanto preparados. As afirmações de Halliday (1990) confirmam essa definição, pois a autora ressalta que a retórica é muitas vezes confundida como “conversa fiada”, levando a fama de um discurso que não corresponde nem ao ato e nem ao fato. Contudo, reforça ser a retórica dona de muitos significados e acaba definindo o uso da mesma como: “Agir retoricamente é usar a linguagem como um meio de fazer as pessoas entenderem o que desejamos que elas entendam” (HALIDAY, 1990 p.26). Segundo a autora, esse agir retórico tem o intuito de harmonizar nossos interesses com os interesses dos outros. E ainda complementa: “a ação tem força de argumento” (HALIDAY, 1990 p. 15) e o ser humano sempre terá o poder de questionar. Asseveração subsidiada quando Silverstone fixa: “Persuasão implica liberdade” (1999 p. 64). Liberdade para tentar convencer o outro e também diferença, pois do contrário, não haveria porque convencer alguém de algo que esse já estivesse convencido.

Comumente, existirão diversas posições a respeito das diferentes teorias e acreditamos não exagerar ao dizer que o mesmo ocorre quanto às definições de conceitos. O fato é que, em todas as áreas, “o termo retórica evoca a suspeita e em geral se alia a certo desprezo”. (PERELMAN, 1997 p.64). A prova disso é que muitos autores, ao tratar de retórica em suas obras, acabam se desculpando por tocar num assunto tão indigno. Seria essa uma forma de ignorar a presença da retórica em nosso dia-a-dia? Ou de fugir à complexidade que envolve os estudos retóricos? O próprio Perelman chega a chamar a retórica de “lógica do preferível” e lembra que muitos capítulos da retórica hoje pertencem à área da psicologia. Ou seja: a retórica está em nosso meio, mas recebeu “apelidos” ao longo desses anos passando muitas vezes despercebida.

1.3 Caminhos retóricos

Dentre os caminhos retóricos, Aristóteles vai afirmar que a função da retórica é tratar dos assuntos sobre os quais devemos deliberar e cujas técnicas não possuímos, perante ouvintes que não têm a faculdade de interferir através de diferentes etapas e de seguir um raciocínio desde um ponto afastado (PERELMAN, 1997). Quanto a isso, Halliday (1990) vai listar que dentre inúmeras atividades a retórica ocupa-se de examinar, descrever, prescrever e avaliar atos e eventos que visem influenciar percepções, sentimentos, atitudes e ações, com palavras e outros símbolos.

A retórica de Aristóteles, segundo Perelman (1997) pode muito bem ser definida como uma razão de ser, seja por causa de nossa ignorância sobre a maneira técnica de tratar um assunto, seja por causa da incapacidade dos ouvintes de seguir um raciocínio complicado. E diz ainda que o objetivo é possibilitar-nos a sustentar nossas opiniões, fazendo com que as mesmas sejam admitidas pelos outros.

De acordo com Perelman “A retórica não tem, pois, como objetivo o verdadeiro, mas o opinável, que Aristóteles confunde, aliás, com o verossímil”. (1997, p. 66). Para alguns autores, esta é a brecha deixada por Aristóteles para o declínio da retórica. Cabe complementar que ao concentrar seu foco na adesão, a retórica “depende essencialmente do auditório a que se dirige, pois o que será aceito por um auditório não o será por outro”. (PERELMAN, 1997, p.71). Diante dessas exposições, reforça-se que o objeto da retórica não é o verdadeiro e sim o opinável.

Os princípios que caracterizam o esquema retórico de Aristóteles seriam, inicialmente, a distinção de duas categorias formais de persuasão: provas técnicas e não técnicas; outro princípio seria a identificação de meios de provas, formas de apelo ou persuasão como a lógica do assunto, o caráter do orador e a emoção dos ouvintes. Aristóteles distingue três espécies de discurso: deliberativo, judicial e epidíctico.

Deliberativo - Que se refere ao útil e ao não útil, dizendo respeito aos meios de obter a adesão das assembleias políticas, servindo tanto para aconselhar, quanto desaconselhar. Todos os homens teriam um objetivo final em comum e assim, o fim de todas as deliberações seria a felicidade;

Judiciário - Que se refere ao justo e ao injusto, dizendo respeito à argumentação perante aos juízes e serviria tanto para defender quanto para acusar. Ser justo é um pré-condicionamento para que sejam seguidas as leis e, conseqüentemente, sejam evitadas possíveis violações das mesmas. No discurso judiciário, o que é hábito, é agradável e o que é imposto por uma necessidade pode ser muitas vezes algo doloroso;

Epidíctico - Que se refere ao elogio ou à censura, ao belo e ao feio. Presente em nossas vidas nas palavras de honra de um discurso, em ocasiões solenes e geralmente emotivas. Para Perelman (1997, p.68), não restam dúvidas de que “o discurso epidíctico possa ter o efeito de por em destaque quem o pronuncia. É uma consequência frequente sua, mas ao querer transformar isso na própria meta do discurso, corre-se o risco de expor-se ao ridículo”. Da mesma forma:

[...] o orador é o ponto de mira e que pode ser-lhe atribuída alguma glória. Porém, examinando com mais atenção, veremos que, para pronunciar o discurso epidíctico que pode conferir-lhe essa glória, o orador já deverá ter prestígio prévio, prestígio devido à sua pessoa ou a sua função (PERELMAN, 1997, p. 68).

O autor também vai afirmar que “A retórica, em nosso sentido da palavra, difere da lógica pelo fato de se ocupar não com a verdade mais abstrata, categórica ou hipotética, mas com a adesão.” (PERELMAN, 1997, p. 70). Uma realidade que confirma esta teoria são os cenários que visualizamos durante os períodos eleitorais, onde na tentativa desesperada de manter uma credibilidade, políticos utilizam-se dos mais diversos recursos retóricos. Perelman garante o sucesso de situações como essa, quando aponta:

Para que a argumentação retórica possa desenvolver-se, é preciso que o orador dê valor à adesão alheia e que aquele que fala tenha a atenção daqueles a quem se dirige: é preciso que aquele que desenvolve sua tese e aquele a quem quer conquistar já formem uma comunidade, e isso pelo próprio fato do compromisso das mentes em interessar-se pelo mesmo problema. A propaganda, por exemplo, implica que se dê valor a convencer, mas esse interesse pode ser unilateral; quem é alvo da propaganda não tem necessariamente o desejo de escutar. Por isso, na primeira fase, antes que a argumentação se inicie verdadeiramente, lançar-se-á mão dos meios necessários para forçar a atenção: estaremos no limiar da retórica (PERELMAN, 1997, p. 70).

A retórica, em sua amplitude, possibilita o trajeto pelos mais diversos caminhos de discurso e de argumentação, dos quais todos permitiriam discussões e estudos mais aprofundados.

1.4 Mas afinal, qual é o porto retórico?

O espetáculo da comunicação necessita de pelo menos dois personagens importantes para existir: um emissor (aquele que fala) e um receptor (aquele a quem se fala). Entre esses dois, haverá transmissão de significados, que por sua vez exigem a presença de um código. De nada vale tudo isso, se não contarmos ainda com a participação de uma ligação entre os mesmos, tornando indispensável a

existência de um canal. Cada comunicação estará cercada de um contexto. Contexto esse que pode ter inúmeras variações, de acordo com as condições tanto do emissor quanto do receptor, incluindo consciência da comunicação que se estabelece, vivências anteriores, etc.

Halliday (1990) vai garantir que vivemos numa “era das comunicações” e que os materiais utilizados na construção retórica da realidade estão na ordem do dia. A arte do discurso vende seus conselhos aos mais diversos segmentos de profissionais de comunicação. E passa-se por inovação, modernização, quando que a base de tudo está no mesmo estudo de retórica – já com mais de 4.500 anos. A autora enfatiza o emissor como foco retórico, utilizando-se para isso dos mais variados exemplos, com o objetivo de contextualizar retórica. Tudo partiria e retornaria ao emissor.

Farbiarz (2003) preserva que independente das definições e/ou práticas retóricas expostas pelos autores, a retórica, enquanto método, enquanto caminho para se chegar à persuasão, ora valoriza o emissor e ora valoriza o receptor e intercede que há por parte de alguns autores uma espécie de consenso quanto à ideia de que o foco está no receptor. Não é difícil de concordar com esses princípios, quando assistimos ao avanço dos interesses por índices de audiência, avidamente analisados e divulgados por todos os tipos de mídia. O próprio valor agregado aos institutos de pesquisa nos últimos anos fala por si só. A retórica não estaria oportunizando “o ar de sua graça”?

O povo, familiarizado com esse tipo de situação, já não mais se surpreende que resultados de pesquisas sejam utilizados para fins de manipulação. O que dizer dos escândalos político-partidários, da duvidosa chegada do homem à lua ou até mesmo da Guerra do Golfo? De que forma ocorre todas as representações da realidade? Temos acesso às mesmas a cada novo noticiário televisivo, a cada nova manchete em sites de notícias e essas representações ficam explícitas na função retórica de afirmar posição a cada novo editorial dos jornais. Como julgar então a importância dessas representações de realidade, se que o próprio “analisar um fato”, já é instantaneamente uma representação do mesmo?

Chegar a uma estimativa estatística é praticamente impossível, visto que a exemplo do atentado terrorista às Torres Gêmeas em Nova York, no ano de 2001, houve transmissão simultânea para praticamente todos os grandes veículos de comunicação do mundo e aumentou significativamente a venda de mídia impressa retratando o fato, forçou edições especiais, criação de sites e CDs; bolsas de valores tiveram quedas históricas e tudo isso graças a este poder midiático. Do contrário, as atenções mundiais levariam tempo bem maior para dar atenção a esse episódio. De quem é o mérito? Do crédito que depositamos aos meios de comunicação? Da gravidade deste ocorrido específico?

Em torno de questões como essas, Silverstone (1999, p. 69) afirma que a resposta reside na confiança que temos nas instituições responsáveis por nos trazer as histórias e também “nas convenções da representação, nas formas de expressão, no equilíbrio frágil mas eficaz entre o familiar e o novo, o esperado e o inesperado, o

reconforto da narrativa e da voz”. E é assim que ocorre em retórica: somos levados a acreditar em algo a partir de vínculos entre eventos e experiências, a acreditar em algo que não temos provas, a acreditar através do que um texto veio a atrair, reivindicar. A capacidade de convencer o espectador de que uma representação é realidade é, segundo Perelman (1997) nada mais, nada menos, que uma ação retórica:

A interação entre o orador e seus juízos explica suficientemente o esforço feito por ele para granjear, em favor de sua pessoa, as simpatias do auditório. Compreende-se, assim, a importância do exórdio em retórica, em especial quando se trata de argumentação perante um auditório não universal, ao passo que – em lógica – o exórdio é inútil. (PERELMAN, 1997 p.76).

Em retórica, para tudo pode ser questionado e a qualquer momento, pode-se retirar uma adesão: o que se concede é um fato, não um direito. Diferente da lógica, que raciocina no interior de um dado sistema, o qual se supõe não aceito. Outra grande diferença entre a lógica e a retórica e que pode auxiliar neste espaço, é que na retórica não há coerção. Se houvesse, se desenvolveria no interior de um sistema cujas proposições e regras de dedução só permitem uma interpretação e ainda são visadas de maneira invariável.

Se antes, o foco estava no emissor e hoje o foco está centrado no receptor, não se pode afirmar ao certo, contudo, sabe-se que há uma ruptura entre a clássica e a nova retórica. Na verdade, é viável estabelecermos uma relação entre ambas se considerarmos que se mantêm como pré-condição uma da outra. Para a retórica contemporânea, ou nova retórica, há identificação do receptor com o emissor e com

sua proposta. Nesse sentido, a credibilidade da elaboração retórica, fornecida pelo emissor, se estabelece como o elemento de ligação.

Os profissionais de comunicação muito sabem sobre a importância de aproveitar “ganchos”, porém, muitas vezes talvez nem percebam, os mesmos são estratégias puramente retóricas. Conhecer a si mesmo, estar ciente de suas capacidades, seus valores, suas crenças e medos pode ser fundamental para passar credibilidade ao público ouvinte. Pequenos detalhes que tendem inclusive a evitar oscilações diante de um desafiante com chances potenciais de sucesso, eximindo um possível desastre retórico.

Halliday vai alertar que:

Um comunicador bem preparado tenta, primeiramente, recriar na mente do outro experiências pertinentes a sua argumentação. Depois tenta transformar o modo como seu público percebe o assunto e, ao mesmo tempo, justificar aquilo que é apresentado como verdade. (HALIDAY, 1990, p. 34).

Embora possivelmente o comunicador confrontará com incompatibilidades, serão as mesmas grandes características de participação ativa no argumento retórico e serão ainda manifestadamente dependentes do que se considera uma vontade. As incompatibilidades são formuladas e depois descartadas. No contexto retórico, o risco de ser coagido ao absurdo é inexistente, entretanto, sempre haverá a possibilidade de modificações quanto as condições do problema. Não esqueçamos que pode ocorrer de dois adversários que buscam convencer um ao outro, podem

ver as opiniões de ambos modificadas em consequência da argumentação um do outro. Conforme já é do conhecimento popular, diante da argumentação, não existem contradições. Há tão somente incompatibilidades e a obrigação de escolher entre dois seres, duas regras, duas soluções, duas ações. “Tais incompatibilidades resultam de uma decisão, são *expostas*, ainda que, para aquele a quem são apresentadas, possam assumir um aspecto objetivo”. (PERELMAN, 1997, p. 386).

Essa delicada noção de compromisso, onde se faz necessário convencer, triunfar tendo como ferramenta os argumentos, não chega a ser uma espécie de contrato, mas é notório que há uma modificação recíproca dos juízos de valor admitidos pelos interlocutores e com três alternativas de final: a vitória, a derrota e o empate. Se observarmos os estudos acerca de lógica, quando uma proposição é provada, todas as provas existentes se tornam supérfluas. Já nos estudos retóricos, a argumentação não coerciva incita um grave problema a cada interlocutor, que é a questão da amplitude de argumentação.

Nessa etapa da viagem, onde já ocorreu uma familiarização em torno da retórica, qual seria o limite para uma acumulação útil de argumentos? Em princípio, não há limites e nem se pode dizer de antemão quais provas serão suficientes para determinar uma adesão. Do mesmo modo, o perigo em utilizar-se de maus argumentos é maior na retórica do que na lógica. Uma única palavra mal empregada poderá colocar um auditório inteiro a favor do adversário. Pode gerar dúvida, incredibilidade – prejudicando a pessoa do orador, comprometendo toda sua

argumentação e tendo efeito exatamente contrário ao esperado e buscado inicialmente.

Silverstone (1999, p.64) declara que a “persuasão também implica diferença, pois tampouco há sentido em tentar influenciar alguém que já pensa como você”. No entanto, o autor ainda delimita que tanto os velhos quanto os novos retóricos assinalam que para a retórica ter eficácia precisa ter como base algum grau de identificação entre o orador e a audiência (1999 p.70). Um bom discurso e uma boa defesa pressupõem interação do assunto, boa capacidade argumentativa e algum planejamento, pois a ordem do discurso pode gerar pontos positivos ou negativos. Estar atento a conveniências pode ter o mesmo efeito que uma boia salva-vidas para alguém que se afoga. As oportunidades bem aproveitadas podem safar ou garantir o sucesso de um discurso retórico. Contudo, o uso desastrado de um ensejo, pode arruinar toda e qualquer base de um discurso retórico; isso quando não o destrói por completo. Para tanto, não custa estar atento ao diferencial de convencer e persuadir.

1.5 A luta do convencer x o persuadir

Perelman (1997) defende que existe uma distinção clássica opondo os meios de convencer aos meios de persuadir. Os de convencer, seriam concebidos como racionais e os de persuadir, como irracionais. Dirigindo-se uns ao entendimento e outros à vontade, a credibilidade do orador acaba, nessa totalidade, servindo como um apoio; o mesmo ocorre com o grau de identificação do público com o orador que influencia ora no entendimento, ora na vontade ou em ambos.

Onde a preocupação parece ser sobre tudo com o resultado, persuadir acaba sendo mais do que convencer; a persuasão acrescentaria à convicção a força necessária que é a única que conduzirá à ação. Perelman vai sintetizar isso quando determina: “O discurso exerce uma ação tal sobre o auditório que, à medida que se vai desenrolando, o modo como o auditório reage, como apreende os dados, se modifica. Daí a importância considerável, na argumentação, da ordem adotada” (1997, p. 381) Assim sendo, conhecer o discurso possibilita o emprego de materiais de construção retórica adequados a cada situação, usando uma linguagem que o público entenda e apresentando razões que esse aceite.

Eco (2001) adverte que todos os artifícios retóricos não funcionam apenas no âmbito da língua verbal, mas podem ser encontrados em nível, por exemplo, das mensagens visuais. Nessas circunstâncias, percebe-se que há uma ligação entre o entendimento, a vontade e as capacidades de se fixar atenção dos ouvintes. Essas características serão utilizadas para convencer: tanto a respeito de algo já previamente conhecido ou não. Kant (apud PERELMAN, 1997) faz uma separação: indica que de um lado estaria convicção, objetividade, ciência, razão, realidade; do outro, persuasão, subjetividade, opinião, sugestão e aparência. Para ele, incontestavelmente, a convicção é superior à persuasão. Informa que apenas ela é comunicável.

Todavia, se considerarmos o indivíduo isolado, a persuasão acrescenta algo à convicção, ponderando-se totalmente do ser. Estando isolado, provavelmente haveria uma única versão dos fatos; isso revigora a importância de observar o grau

de intensidade persuasiva. Vale destacar que uma educação tradicional pode ser um empecilho para as mais especializadas técnicas persuasivas, pois essa educação poderá pesar mais do que o próprio persuadir. Perelman assevera que:

[...] para quem é educado numa tradição que prefere o racional ao irracional, o apelo à razão ao apelo à vontade, a distinção entre convencer e persuadir será da mesma forma essencial, mas serão meios, e não os resultados, que serão avaliados, e a primazia será conferida à convicção. (PERELMAN, 1997 p. 60).

Dessa forma, percebe-se que existe uma necessidade de adaptação do discurso retórico de acordo com o público ou região como a afirmação de Perelman complementa: “Quando se trata de obter o assentimento de uma única pessoa, não se pode, [...] utilizar a mesma técnica de argumentação que perante um grande auditório”. (1997, p. 72). O mesmo serve para as questões de linguagem.

1.6 Entendimento e vontade em ambiente retórico

Silverstone (1999) defende que a linguagem da mídia é uma linguagem retórica e que a construção dos espaços da mesma para o público ocorrem retoricamente, seja na esfera pública ou privada, em nossos ouvidos, em nossos olhos e até mesmo na imaginação. As pesquisas de Perelman (1997) reforçam esses apontamentos, quando defende: “a vida cotidiana, familiar ou política, nos fornecerá, em profusão, exemplos de argumentação retórica. O interesse desses exemplos do cotidiano estará nas comparações que possibilitam com exemplos tirados da mais elevada argumentação dos filósofos e dos juristas” (1997, p. 87).

Quando Perelman (1997) faz reflexões sobre a questão de adesão diz que a mesma é suscetível a maior ou menor intensidade, afirmando além disso, que a cada nova modificação dessa intensidade, ocorre uma correspondência na consciência do indivíduo e uma nova hierarquização de juízos. Pascal posiciona-se a favor de duas grandes potências:

Ninguém ignora que há duas entradas por onde as opiniões são recebidas na alma, que são as suas duas principais potências: o entendimento e a vontade. A mais natural é a do entendimento, pois sempre se deveria aceder apenas às verdades demonstradas; porém a mais comum, embora contra a natureza, é a da vontade; ... Esta via é baixa, indigna e estranha: por isso todos a desaprovam. (PASCAL apud PERELMAN, 1997 p. 60).

Cabe complementar essa questão com a percepção de Eco em torno do mesmo assunto:

Há uma curiosa contradição da retórica: - de um lado, a retórica tende a fixar a atenção sobre um discurso que de modo inusitado (informativo) quer convencer o ouvinte a respeito de algo que ele ainda não sabia; - de outro, obtém esse resultado partindo de algo que o ouvinte já sabe e quer, procurando demonstrar-lhe que a conclusão daí decorre naturalmente. (ECO, 2001 p. 76).

Enquanto que na lógica um único apontamento de verdade é suficiente para descartar falsas premissas, uma argumentação retórica implica ambiguidades e também uma confusão dos termos que se baseia (sendo que estas podem ser reduzidas na medida em que se aproxima do raciocínio formal). A univocidade em si

é uma condição da argumentação coerciva e a argumentação social, política e até filosófica, não pode eliminar toda a ambiguidade.

A preocupação em determinar os sentidos das noções, as intenções de quem fala, as significações e o alcance são problemas fundamentais da retórica. E que a lógica formal, baseada na univocidade, não precisa 'atentar'. Sendo a persuasão vista como ação, as noções que são utilizadas para isso são conseqüentemente carregadas de potenciais afetivos e toda argumentação teria como suas fundações os fatos, as verdades, os valores e as presunções.

Segundo Perelman (1997), uma parte dos procedimentos de argumentação são ligados às questões de probabilidade, como a prova pelo exemplo e os argumentos baseados no normal, na competência. A outra parte dos procedimentos são destinados a aumentar a intensidade da adesão mediante o que o autor chama de "impressão de presença ou realidade" e ainda afirma que neste segundo grupo ficaria também a analogia sob suas diferentes formas, destacando principalmente a metáfora. Para Perelman (1997, p. 83) "existe, de fato, uma série de procedimentos de qualificação e de desqualificação que constituem verdadeiramente o arsenal da retórica".

Tais procedimentos podem ser utilizados para obter um efeito desejado e às vezes até independem da intenção do autor; podendo ainda, desqualificar ou qualificar, como por exemplo: quando apontam que onde há diferença de natureza o que existe realmente é uma diferença de grau e vice-versa. Já as desqualificações ocorrem geralmente quando se pega um valor e diz que o que era considerado valor

não passa de um meio. Eis um mecanismo que pode, muito bem, ser um grande instrumento utilizado pelo adversário.

O orador certamente sempre buscará um bom efeito argumentativo, esforçando-se na apresentação de dados, utilizando-se de sua ampla liberdade de opções para suas classificações. Sua ação é uma agressão, pois a tendência maior é de se causar transformações, mudar algo no ouvinte. Perelman (1997) completa essa questão ao afirmar que o sentido é a obra humana, e não a expressão de uma realidade objetiva. E ainda conclui: “O sentido de uma expressão, na medida em que resulta da aplicação de uma regra de uso, poderá apresentar aspectos diversos, conforme a variedade dessas regras”. (PERELMAN, 1997, p.26). Com isso, pode-se imaginar que sempre haverá fatores a influenciar tanto aos oradores quanto aos próprios os discursos retóricos, seja através das experiências, do conhecimento adquirido previamente ou simplesmente devido as condições ambientais do discurso.

1.7 Quando a linguagem interage com a argumentação

Percebe-se que muitos fatores precedem o discurso retórico, seja através da linguagem, do sentido, do argumento, da intenção etc. Mas o grande realce tem que ser o ato de argumentar, isto é, de orientar um discurso no sentido de determinadas conclusões. Perelman (1997, p.379) garante que a argumentação é essencialmente um ato de comunicação: “Implica a comunhão das mentes, a tomada de consciência comum do mundo tendo em vista uma ação real; supõe uma linguagem viva, com tudo o que esta comporta de tradição de ambiguidade, de permanente evolução” .

Ao entrar no mundo retórico muitas portas se abrem, caminhos se fundem e quase que se faz necessário todo um esclarecimento sobre lógica e dialética. No entanto, optamos por explicar apenas sobre os estudos em torno do argumento pragmático. Chegando ao término de nosso passeio retórico, cabe ainda esclarecer que de acordo com Perelman, argumento pragmático é:

Um argumento das consequências que avalia um ato, um acontecimento, uma regra ou qualquer coisa, consoante suas consequências favoráveis ou desfavoráveis; transfere-se assim todo o valor destas, ou parte dele, para o que é considerado causa ou obstáculo. (PERELMAN, 1997, p.11)

Este tipo de argumento pode ser “fundamentado numa ligação causal comumente aceita ou numa ligação conhecida por uma só pessoa, cujo comportamento ele poderá justificar”. (PERELMAN, 1997, p.13). Trata-se de um valioso “truque” retórico de definir algo, a partir da consequência, de olhar o “produto final” e automaticamente compreender seu origem e sua trajetória.

O argumento pragmático consegue avaliar algo através de seus efeitos, porém muitas podem ser as interpretações, gerando diferentes conclusões. Isso força um acordo prévio sobre a natureza e a importância das consequências. Do contrário, caso se pensasse a partir das consequências, para então chegar aos fatos, infinitas seriam as discussões que surgiriam a respeito. Isso reforça o ideal de Perelman que acresce: “Quando o valor das consequências nas quais se fundamenta o argumento pragmático é por sua vez contestado, é necessário recorrer ao auxílio de outras técnicas argumentativas”. (1997, p.14).

Habitualmente, um acontecimento será apenas uma condição necessária ou uma causa parcial. “Para poder transpor para ele o peso de todos os efeitos, será preciso diminuir a importância e a influência das causas complementares, tratando-as como ocasiões, como pretextos, como causas ocasionais”. (PERELMAN, 1997, p. 19). Resumindo isso numa linguagem coloquial, poder-se-ia dizer que essa afirmação reflete um “efeito dominó”, onde um fator leva a outro e onde também é possível definir uma causa a partir de seus efeitos.

2 UM DESPERTAR PARA O ESCOTISMO

O movimento escoteiro surgiu da necessidade de mostrar um caminho à juventude, que se encontrava perdida em tempos pós-guerra. E foi a atenção de um visionário que possibilitou o despertar de uma nova juventude. Conheceremos a seguir o histórico desse movimento, sua essência, o método aplicado, bem como quem são os beneficiados.

2.1 Histórico

Robert Stephenson Smyth Baden Powell nasceu em Londres, Inglaterra, em 22 de fevereiro de 1857 e mal sabia que um dia alcançaria a fama no mundo inteiro e que seria carinhosamente chamado de “B.P.” (leia-se as iniciais em inglês). Destacar-se-ia primeiramente como herói militar e posteriormente como fundador do movimento escoteiro. Seu pai era o reverendo H.G.Baden Powell, professor em Oxford e morreu quando Robert tinha aproximadamente três anos. Monteiro (1983, p. 17) conta que: “sendo o mais jovem de muitos irmãos B.P. , teve na companhia de seus irmãos mais velhos uma infância muito divertida, pois a Londres daquele

tempo, [...] oferecia muita facilidade para folguedos ao ar livre”. Robert viveu muitas experiências ao ar livre, excursionando e acampando por muitos lugares da Inglaterra, aprendendo a ter autonomia e confiança em si. Em 1870, com o auxílio de uma bolsa de estudos, Baden Powell ingressou na Escola Charterhouse, em Londres.

Não era um estudante que se destacasse especialmente dos outros, mas era sempre um dos mais alertas. Estava sempre metido em tudo que acontecia no pátio do colégio, e cedo mostrou perícia como goleiro da equipe de futebol de Charterhouse. Seus colegas da escola muito apreciavam suas habilidades como ator e sempre que lhe pediam, Robert trazia riso aos colegas da escola com os improvisos de suas representações. Possuía habilidades musicais, tocando flauta, piano e violino e sua facilidade com desenho, permitiu-lhe mais tarde ilustrar todas as suas obras. A inteligência, o bom humor e as qualidades de bom companheiro, somente ajudaram-no a ficar muito popular.

Aos 19 anos, após concluir o curso ginásial, “Baden Powell ingressou no exército inglês sendo logo destacado para o Afeganistão. Começava então uma vida de grandes aventuras que levaram B.P. a combater na África, a organizar regimentos e visitar todos os continentes”. (MONTEIRO, 1983, p. 18). Devido a sua coragem, sua perícia como explorador e a sua impressionante habilidade em seguir pistas, os nativos africanos o temiam tanto que lhe davam o nome de "Impisa", o "Lobo-que-nunca-dorme". Sua carreira militar crescia quase que automaticamente e em 1899 Baden Powell foi promovido a Coronel. Na África do Sul, em tempos onde fermentava agitação e as relações entre a Inglaterra e o governo da República de

Transval, haviam sido rompidas, organizou batalhões e por 217 dias, defendeu uma cidade chamada Mafeking, que estava cercada por forças inimigas esmagadoramente superiores. Monteiro (1983, p. 18) afirma que: “Graças a sua competência, honestidade e exemplo como líder de homens, B.P. fez uma carreira militar brilhante que culminou com a sua atuação durante o cerco de Mafeking em 1899 na Guerra do Transval”.

Mafeking era uma pequena cidade na África do Sul, mas que tinha grande potencial estratégico por ter dentre seus domínios um cruzamento ferroviário que servia como meio de abastecimento da zona de conflito. A falta de um efetivo de soldados obrigou Baden Powell a treinar todos os cidadãos capazes de empunhar uma arma e a organizar grupos de adolescentes que ficassem responsáveis pelo desempenho de todas as tarefas de apoio, como: cozinha, comunicações e primeiros socorros. O maduro comportamento dos jovens, assumindo tanta responsabilidade pelo bem da cidade e das outras pessoas deixou Baden Powell impressionado. Essa união de interesses fez com que Mafeking resistisse aos atentados até a chegada de reforços e ao retornar a sua pátria, Baden Powell foi recebido como herói.

Promovido ao posto de major-general ganhou mais destaque aos olhos de seus compatriotas, sendo um orgulho tanto para adultos como para as crianças. Foi quando descobriu, surpreso, que a sua popularidade pessoal dera popularidade ao livro que escrevera especialmente para militares: *Aids to Scouting* (Ajudas à Exploração Militar). O livro explicava o programa desenvolvido para o treinamento de seus soldados e estava sendo usado como um compêndio nas escolas masculinas.

Compreendeu que estava aí a oportunidade de ajudar a juventude e viu nisso um grande desafio. Se um livro para adultos sobre as atividades dos exploradores podia exercer tal atração sobre os rapazes e servir-lhes de fonte de inspiração para as brincadeiras das crianças, outro livro, com escrita direcionada para rapazes poderia despertar muito mais interesse.

Baden Powell passou a estudar livros que tratassem de métodos usados em todas as épocas para a educação e o adestramento de rapazes. Aproveitou e adaptou suas experiências como militar e seus contatos com tantas tribos selvagens, até que, lenta e cuidadosamente, o escotismo foi ganhando forma. Na tentativa de descobrir se teria sucesso em sua nova causa, e com a intenção de testar a teoria na prática, reuniu um grupo de 20 rapazes e no verão de 1907 deslocaram-se para a ilha de Brownsea, no litoral inglês. O mundo presenciava o primeiro acampamento escoteiro e o êxito desta atividade inspirou seis fascículos quinzenais que receberiam o nome de: "Escotismo para Rapazes". Isso pôs em ação um movimento que afetaria a juventude do mundo inteiro. O sucesso desse livro foi tão imediato que mal chegara às livrarias e bancas de jornal e já haviam patrulhas e tropas escoteiras formadas.

Em 1910, com o inacreditável crescimento do movimento escoteiro, Baden Powell compreendeu que o escotismo seria a obra a que dedicaria a sua vida. Reconheceu que poderia fazer mais pelo seu país adestrando a nova geração para a boa cidadania do que preparando poucos homens para uma possível futura guerra. Pediu demissão do exército e ingressou no que costumava chamar de sua "segunda vida"; tratava-se de seu serviço ao mundo via Escotismo. Em 1912, viajou

pelo mundo para contatar os escoteiros de outros países. Foi esse o primeiro passo para fazer do Escotismo uma fraternidade mundial, onde nem as duas guerras mundiais conseguiram interromper esse trabalho. Em 1920, ocorre em Londres a primeira concentração internacional de escoteiros: o Primeiro Jamboree Mundial.

Após completar 80 anos de idade regressou à África com a sua esposa, Olave Baden Powell, que fora uma entusiástica colaboradora em todos os seus esforços, e que era também a Chefe-Mundial das "Girl Guides" (bandeirantes), um movimento também iniciado por Baden Powell, porém de participação exclusiva para o sexo feminino. Em 8 de janeiro de 1941, faltando um pouco mais de um mês para completar 84 anos de idade, Baden Powell faleceu enquanto dormia, "talvez sonhando com as alegrias que trouxe para a juventude ao fundar o escotismo" (MONTEIRO, 1983, p.18).

2.2 Sobre o escotismo em si

O escotismo é um movimento de jovens e para jovens, com a colaboração de adultos, unidos por um compromisso livre e voluntário. É um movimento de educação não formal, que se preocupa com o desenvolvimento integral e com a educação permanente dos jovens, complementando o esforço da família, da escola e de outras instituições. De acordo com o estatuto da União dos Escoteiros do Brasil, artigo 1º - §1º, o movimento escoteiro é:

[...] um Movimento Educacional para jovens, com a colaboração de adultos, voluntários, sem vínculos político-partidários, que valoriza a participação de pessoas de todas as origens sociais, raças e crenças, de acordo com o Propósito, os Princípios e o Método Escoteiro (1994, p. 5).

O escotismo busca o envolvimento do ser humano, como um todo e de todos os seres humanos. Tem o intuito de educar para a liberdade e procura desenvolver a capacidade de pensar criativamente, mais do que a aquisição de conhecimentos ou de habilidades específicas. “É missão dos escoteiros servir aos outros, auxiliando a instilar valores nos jovens e de outras formas preparando-os para fazerem escolhas éticas ao longo de suas vidas para alcançarem seus potenciais” (LARSON, 1987, p. 2).

“A finalidade do programa escoteiro é: aperfeiçoar o padrão de nossos futuros cidadãos, especialmente quanto a caráter e saúde; substituir personalismo pelo serviço; tornar os jovens individualmente eficientes, tanto moral como fisicamente a fim de utilizar esta eficiência em serviço ao próximo”. (POWELL, 1982, p. 27)

Fortalece nos jovens a vontade de optar por uma escala de valores que dê sustentação às suas vidas e os convidamos a agir de forma coerente com essa opção. Exige que o jovem caminhe em busca de Deus e estimula o mesmo a dar testemunho de sua fé, vivendo ou buscando a religião que a expresse. Faz com que os jovens venham a crer na família, raiz integradora da comunidade e centro de uma civilização baseada no amor, na verdade e na justiça. Educa para o respeito, a vida afetiva e o amor, para a construção de uma família que dê a seus filhos uma boa formação. Da mesma forma, orienta para a crença numa justiça social como exigência de um desenvolvimento humano e sustentável. Desperta o anseio por

servir à comunidade e por se comprometer com seu desenvolvimento como manifestação de sua solidariedade para com o próximo, especialmente os que mais precisam. Anseia também por um mundo fraterno, onde os jovens possam crescer e se realizar plenamente.

Incentiva nos jovens a lealdade a seu país e o amor a pátria, seu povo e sua cultura, em harmonia com a promoção da paz, sem hostilidades entre classes sociais ou entre nações. Promove a fraternidade mundial entre os jovens e a cooperação mundial entre países e organizações. Estimula nos jovens o respeito pela natureza e o compromisso com o meio ambiente. Contribui para a formação de cidadãos responsáveis que compreendem a dimensão política da vida em sociedade, que desempenham um papel construtivo na comunidade e que tomam suas decisões tendo os princípios escoteiros como guia. Colabora para a formação de cidadãos responsáveis, participantes e úteis em sua comunidade exigindo inclusive, que os jovens estejam atentos à realidade política.

Powell (1982, p. 12) acredita que o movimento escoteiro é "uma alegre fraternidade; mais alegre ainda porque no jogo do escotismo você está realizando uma grande obra para os outros e combatendo o desenvolvimento do egoísmo", oferecendo aos jovens e aos adultos a oportunidade de compartilhar a tarefa de crescimento comum. As relações escoteiras fomentam o diálogo, a compreensão e a participação, num privilegiado encontro de gerações onde todos os adultos atuam a serviço da liberdade dos jovens.

De acordo com o estatuto da União dos Escoteiros do Brasil, que rege a prática do escotismo no Brasil, em seu artigo 1º - §2º tem-se como propósito:

[...] contribuir para que os jovens assumam seu próprio desenvolvimento, especialmente do caráter, ajudando-os a realizar suas plenas potencialidades físicas, intelectuais, sociais, afetivas e espirituais, como cidadãos responsáveis, participantes e úteis em suas comunidades, conforme definido pelo seu projeto educacional. (1994, p. 6)

Os princípios do movimento escoteiro resumem-se a um conjunto de ideais de conduta, um referencial de valores essenciais e atraentes e onde a adesão a esses tem a capacidade de contribuir fortemente para que os jovens encontrem uma razão de viver consistente, buscando a felicidade e motivando outros a seguir nessa mesma direção. São eles:

- a relação com Deus: onde os jovens são orientados a ter fé em Deus, independente de seguir uma religião ou outra. O objetivo é que os jovens tenham algum princípio espiritual, compartilhando com a fraternidade dos que se unem em torno de uma mesma religião e sendo fiéis a suas convicções, seus símbolos e suas celebrações. O escotismo busca destacar a importância da fé à vida e à conduta;

- a relação com o próximo: os jovens são estimulados a ter amor ao país e a seus símbolos, sem ufanismo, em harmonia com todos os povos e buscando a promoção da paz mundial. É proposto ao jovem um comprometimento com o desenvolvimento sustentável e sua participação ativa nos esforços para preservação e renovação do planeta. Entende-se dentro do movimento escoteiro que o ser

humano só se realiza plenamente quando exerce sua liberdade respeitando a todos. Para tanto, é proposto aos jovens que busquem sua realização ao interagirem de maneira responsável e solidária em sua comunidade. Incentiva-se a valorização dos direitos humanos. A juventude é estimulada a tratar homens e mulheres com igualdade, respeitando a natureza particular de ambos os sexos, sem quaisquer preconceitos. Outro fator trabalhado é o desenvolvimento da afetividade, de forma que o jovem possa aproveitar sua existência, tendo relações humanas com motivação e bom senso. Ao movimento escoteiro interessa que os jovens sejam reconhecidos por suas atitudes, demonstrando pelo seu próprio exemplo, que é possível ser feliz ao ajudar outras pessoas;

- a relação consigo mesmo: o uso progressivo da liberdade é um convite que o escotismo faz para os jovens, pois são estimulados a assumirem suas responsabilidades, aprendendo a discernir, decidir e enfrentar as consequências de suas decisões e de seus atos. Motiva-se que adquiram ciência de sua dignidade, superando-se constantemente e sendo capazes de formular seus próprios projetos de vida. O traçado de suas vidas através da honra, honestidade e lealdade é um grande desafio. Ao seguir esses princípios, os jovens se tornarão cidadãos íntegros, retos de caráter e com coragem de assumir seus atos.

2.3 Método escoteiro

Trata-se da forma como o escotismo deve ser praticado. Fundamenta-se em: aceitação da lei e da promessa escoteira; o aprender fazendo, que consiste no

aprendizado pela ação; a vida em equipe e a prática de atividades progressivas, atraentes e variadas, além do desenvolvimento pessoal com a orientação individual do membro adulto. Sobre essas questões, trataremos a seguir.

2.3.1 A adesão à promessa e à lei escoteira

O principal elemento do método é o convite pessoal a cada jovem, em um momento determinado de sua progressão, para que formule sua Promessa Escoteira. Por meio desse compromisso, o jovem aceita livremente, diante do seu grupo de companheiros, ser fiel à palavra empenhada e fazer o seu melhor possível para viver de acordo com a Lei.

A Lei escoteira é um instrumento educativo em que estão expressos, de maneira compreensível para as diferentes faixas etárias, os princípios que guiam o movimento. Esse compromisso será um ponto de referência em cuja direção se projetará toda a vida de um jovem. Na cerimônia de promessa o jovem assume um compromisso para consigo mesmo, onde diz: “Prometo pela minha honra, fazer o melhor possível para: cumprir meus deveres para com Deus e minha pátria; Ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião; e obedecer à Lei Escoteira”. Essa lei escoteira da qual a promessa faz referência, foi estabelecida pelo fundador do movimento, Baden Powell, e é composta pelos dez artigos a seguir: o escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais que sua própria vida; o escoteiro é leal; o escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação; o

escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros; o escoteiro é cortês; o escoteiro é bom para os animais e as plantas; o escoteiro é obediente e disciplinado; o escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades; o escoteiro é econômico e respeita o bem alheio; o escoteiro é limpo de corpo e alma.

Embora sendo um método simples, compreender sua correta aplicação exige bastante dedicação, interesse e esforço por parte do escotista. Além disso, o Movimento Escoteiro tem na figura do chefe sua alavanca para o sucesso. Acredita-se que os jovens teriam plenas condições de “caminharem com suas próprias pernas”, a organização do escotismo conta com a presença de um adulto orientador e no andamento deste processo percebe-se, pouco a pouco, o papel fundamental que este desempenha.

2.3.2 As tarefas do adulto

Segundo Larson (1987, p.5), a tarefa do adulto dentro do movimento escoteiro “é auxiliar os jovens no seu desenvolvimento ético e moral [...] auxiliá-los a lidarem com questões éticas”. Para esse autor, os valores estão relacionados às experiências vividas pelos jovens, pois são essas que os testam e os formam. Nesse contexto, os adultos podem auxiliar no desenvolvimento dos valores pessoais dos jovens, servindo como instrumentos, como fornecedores de oportunidades para: escolherem livremente; escolherem, após avaliações sobre critérios éticos; escolherem refletidamente; agirem de acordo com seus critérios éticos; examinarem

as consequências de suas decisões éticas - a fim de observarem se as mesmas conferem com o pretendido.

Existe um programa chamado: “Fronteira da Juventude”, desenvolvido pelos Escoteiros da América e utilizado como suporte educacional no escotismo brasileiro. Trata-se de um programa baseado em valores e que busca encorajar os jovens a encararem com seriedade o ato de decidir, bem como possibilitar ciência a respeito das consequências de suas ações. O programa aspira que os jovens enriquecerão suas vidas agora e no futuro se aprenderem cedo a significação de tomar decisões éticas e receberem o apoio e o encorajamento de adultos bem preparados. O objetivo do “Fronteiras da Juventude” é “auxiliar jovens a tornarem-se mais maduros na arte de tomar decisões éticas” (LARSON, 1987, p.7). Acredita-se que o jovem, ao receber apoio para tomada de decisões éticas, tende a assumir um compromisso com altos princípios éticos. Assim, pais e líderes fazem a diferença nos julgamentos e percepções éticas.

[...] A boa vontade para discutir problemas e dar exemplos é um ingrediente essencial para o crescimento e desenvolvimento das decisões éticas (...) O amadurecimento físico do jovem é um fenômeno natural e só pode ser interrompido por um acidente ou doença sérios. Mas o amadurecimento intelectual, emocional e espiritual deve ser obtido através do conhecimento e da ação, mesmo o desenvolvimento físico pode ser impulsionado pelo conhecimento. Similarmente, o caráter deve ser obtido através do conhecimento e através da experiências de atos realizados de acordo com os nossos padrões morais. (LARSON, 1987, p. 8).

No programa da juventude os princípios utilizados para tomar decisões éticas são a honestidade, a integridade e o respeito aos outros. A lei escoteira estabelece que o escoteiro é leal, portanto ele deve dizer sempre a verdade,

mantendo-se fiel a sua promessa escoteira. Dessa forma, o escotismo auxilia os jovens a serem honestos. Quanto à integridade, o contato social que o escotismo proporciona conscientiza o jovem de que integridade envolve mais do que apenas a família, mas que está relacionada a todos os grupos. O princípio ético de respeito aos outros também já é conhecido através da prática do 4º artigo da lei escoteira, onde diz que o escoteiro é amigo de todos.

Baden Powell sempre enfatizou a importância de se ter experiências ao ar livre e o chefe:

“ao apresentar isso à criança, está atraindo para si próprio uma parcela dessa mesma felicidade e executando uma ação útil. Ele está realizando uma ação maior do que possivelmente tenha imaginado ao aceitar a missão, pois de fato se acha prestando um real serviço à Humanidade e a Deus”. (POWELL, 1982, p.7).

Para B.P. o chefe escoteiro é aquele que guia o jovem com o espírito de um irmão mais velho, isto é, “ver as coisas pelo mesmo prisma que os jovens e conduzi-los e guiá-los entusiasticamente pelo caminho adequado” (POWELL, 1982, p.12). Um fator relevante para o sucesso no adestramento de jovens, consiste em inteirar-se a respeito de jovens em geral. Bom seria que todo chefe jamais se esquecesse de como pensava e sentia enquanto jovem. Um chefe não precisa ser um “super-homem” ou um “Dr. sabe-tudo”, mas precisa ser, simplesmente, um adulto criança, ou seja:

-deverá ter uma mentalidade jovial e, como primeiro passo, ser capaz de se colocar num nível adequado aos jovens;

-deverá compreender as necessidades, aspirações e desejos correspondentes às diversas idades dos jovens;

- deverá ocupar-se mais de cada um individualmente em vez do conjunto;

- ele, finalmente, deverá, para obter melhores resultados, criar um espírito de grupo entre os indivíduos. (POWELL, 1982, p.11)

O chefe escoteiro não deve agir nem como um mestre-escola, nem como comandante militar, nem como líder religioso, nem como instrutor. A única coisa necessária é aptidão para gozar da vida ao ar livre, para participar das ambições da juventude e para encontrar outras pessoas que deem a necessária orientação e instrução (quer seja sinalização ou desenho, quer seja estudo da natureza ou pioneirismo). (POWELL, 1982, p.12)

Como tarefa principal, o chefe escoteiro deve buscar explorar o íntimo dos jovens, procurando identificar sua personalidade e desta forma auxiliá-lo a desenvolver mais ainda o que ele tem de bom. Segundo BP, “Há cinco por cento de bom mesmo na pior pessoa. O desafio maior é encontrar o aspecto bom e desenvolvê-lo até uns 80 ou 90 por cento. Isto é educação em vez de instrução das mentes juvenis”. (POWELL, 1982, p.12). Algo que contribui muito nesse desenvolvimento dos jovens é a prática do sistema de patrulhas.

“No adestramento escoteiro, o Sistema de Patrulhas ou “turmas” exprime coletivamente o treinamento individual e permite a aplicação prática do que o jovem aprendeu” (POWELL, 1982, p.12), o sistema de patrulha: um esforço verdadeiro de cooperação. Auxilia a desenvolvimento do caráter, desde que seja corretamente empregado:

“[...] leva cada um a notar que tem uma parcela individual de responsabilidade, pelos resultados de sua patrulha. Faz com que cada patrulha sinta que tem uma responsabilidade definida, pelo bem da tropa. Empregando o sistema de patrulhas, o chefe poderá transmitir não somente instrução, mas também suas ideias e suas opiniões sobre as tendências e conduta moral de seus escoteiros. Por esses meios, os próprios escoteiros vêm a perceber, gradualmente, que são responsáveis pelas ações da tropa”. (POWELL, 1982, p. 12).

O crédito por grande parte do sucesso no adestramento do jovem é do próprio exemplo pessoal do chefe. B.P. vai afirmar que o jovem tem facilidade de analisar o chefe escoteiro a partir do paradigma de herói, bem como o irmão mais velho. A partir do momento que esse é um herói para os jovens, passa a possuir uma arma poderosa para o desenvolvimento dos jovens e da mesma forma, percebe-se que o chefe está diante de uma grande responsabilidade: “Os jovens são bastante perspicazes para perceberem e notarem os mínimos detalhes de seu caráter, quer sejam eles qualidades e virtudes, quer eles sejam vícios e defeitos”. (POWELL, 1982, p.13).

O jovem tem o chefe escoteiro como exemplo e tanto as “suas atitudes corteses, bruscas irritações, sua radiante felicidade ou seu impaciente arrebatamento, seu pronto controle e disciplina, suas pequenas quebras de padrões morais, tudo enfim, não só será observado, como também imitado pelo seu séquito” (POWELL, 1982, p.13). Portanto, se o jovem deve cumprir a lei escoteira e tudo que nela repousa, o chefe deve, ele próprio, cumprir escrupulosamente seus preceitos em cada detalhe de sua vida cotidiana. Segundo Powell, os jovens seguirão seu chefe, desde que o mesmo utilize para isso alguma palavra de esclarecimento. O chefe não deve esperar que as mudanças no jovem aconteçam da noite para o dia,

no entanto o fundador do escotismo encoraja os escotistas incentivando-os a não ficar parado: “É uma coisa ou outra! Que seja pois: avançar e... com um sorriso nos lábios!”. (POWELL, 1982, p.13). Cabe salientar que, além de suas incumbências com os jovens, o chefe também tem um compromisso com o movimento escoteiro, pois trata-se de uma entidade coletiva.

Ao assumir a missão de ensinar autodisciplina e abnegação, os chefes escoteiros precisarão ter uma visão mais ampla e, antes de mais nada, estarem acima de mesquinhasias pessoais. B.P. se utiliza de metáfora para explicar um dos papéis do adulto dentro do movimento escoteiro e ao afirmar que: “Como os tijolos de uma parede, cada um tem seu lugar” quer dizer portanto que cabe ao chefe transmitir aos jovens a ideia da existência de hierarquias, não apenas dentro do escotismo, mas no âmbito social em geral. O ideal para o bom andamento dos propósitos, o ideal seria que os adultos que não se encaixam nesse perfil tivessem a nobre atitude de retirar-se do movimento. Em cursos específicos da área, artigos sobre o assunto, é consenso de que o problema do escotismo são os adultos; no entanto, o próprio fundador declara a importância do chefe para a evolução pessoal dos jovens.

A literatura escoteira não afirma que a tarefa do chefe escoteiro é um “mar de rosas”, sabe-se que haverá revezes e desapontamentos como em qualquer outro trabalho. Lidando com jovens, muitas são as surpresas que podem surgir pelo caminho:

“A satisfação que resulta de ter cada um tentado cumprir abnegadamente seu dever e ter desenvolvido o caráter nos jovens (o que lhes dará uma personalidade diferente para a vida toda) é um recompensa

tão grande que, absolutamente, não pode ser descrita” (POWELL, 1982, p. 15)

2.4 Um olhar atento ao público-alvo do escotismo: os jovens

Ao se observar o comportamento dos jovens, algumas qualidades devem ser destacadas, entre elas: o bom humor, coragem, confiança em si próprio, vivacidade e agudeza de percepção, gosto pela agitação, reação positiva e lealdade. Ao fazer um estudo aprofundado acerca deste assunto, a tendência é de que o chefe esteja em condições muito superiores perante um adestramento. Outro fator muito relevante seria a busca por informações a respeito do ambiente onde vive o jovem, pois só assim poderá ter conhecimento a respeito das influências que o envolvem. “Quando é assegurada a simpatia e apoio dos pais, quando estes são levados a coparticipar e têm mais interesse pelos trabalhos da TROPA e pelos objetivos do movimento, a tarefa do chefe torna-se relativamente leve” (POWELL, 1982, p.21).

Baden Powell vai destacar que o melhor antídoto para um mau ambiente é a substituição do mesmo por outro que seja bom. É neste contexto que prática ao ar livre demarca seu espaço, sendo os acampamentos e as jornadas as marcas registradas do movimento escoteiro. No entanto, o fundador ainda ressalta a importância da patrulha possuir um lugar próprio para convívio, um ambiente necessário e adequado. Powell (1982, p.23) afirma que o chefe escoteiro que somente conseguisse possibilitar isso ao jovem, já estaria deixando grande contribuição: “Este será o melhor antídoto contra o veneno, que de outro modo infiltrar-se-ia em seus pensamentos e personalidades”. Cabe ao chefe ter o bom

senso de pensar no que é de interesse para o jovem e não para si próprio. Para se chegar aos jovens, o melhor instrumento é a amizade, pois: “O que o chefe faz, também quererão fazer seus rapazes. Seus escoteiros refletem-no. Com altruísmo e patriotismo de seu chefe, os escoteiros aprendem a prática do auto-sacrifício voluntário e serviço pátrio”. (POWELL, 1982, p.24).

O escotismo tem o potencial de cultivar e elevar tanto o intelecto quanto as qualidades físicas e morais do indivíduo. A prática de atividades sadias auxiliam o desenvolvimento do espírito de cidadania e ao estimular a vida em equipe é também assegurado o esforço de cooperação para um fim comum; o que é algo essencialmente democrático. O incentivo às boas ações estará orientando os jovens em seus primeiros passos no serviço à comunidade; dessa forma, não ensina-se propriamente “como ganhar a vida”, mas “como se deve viver”. Para Baden Powell (apud NAGY, 1978, p.139) “Escotismo divorciado da realidade é uma impossibilidade”, o que prova a importância de proporcionar aos jovens uma ciência da sociedade em que vivem.

Para um leigo, o escotismo pode parecer complexo e inclusive é muito mais reconhecido como movimento de instrução do que de educação. É uma grande responsabilidade, mas não se pode considerar a missão de chefe escoteiro como algo tão complicado de se praticar. Primeiro, porque o objetivo do escotismo é muito simples e segundo porque em suma, o chefe é apenas aquele que provoca no jovem a ambição e o desejo de “caminhar com as próprias pernas” e para isso oportuniza atividades que o atraiam e onde o mesmo possa “aprender fazendo” até adquirir experiência suficiente para desfrutar um pouco do também papel de “educador” que

um líder juvenil possui. Esses líderes são chamados de monitores; carregam a história da patrulha, a experiência de técnicas escoteiras e até mesmo de vida, pois geralmente é o membro mais velho que assume tal função. É através dos monitores que o chefe atua, ou pelo menos, deveria atuar.

2.5 O adestramento

O movimento escoteiro pode ser visto por diferentes prismas: para o jovem, é a vida em grupo para a prática de jogos e aventuras; para os pais, é uma oportunidade de atividade saudável e de desenvolvimento de caráter e físico, criando disciplina, coragem, cortesia e patriotismo; É aberto a todos, indiferente de raça, credo ou condições físicas, pois o princípio básico é o estímulo para que o jovem eduque a si próprio em vez de ser “ensinado ou instruído”.

Na intenção de exercitar uma cidadania ativa e de realizar o objetivo do escotismo o adestramento é composto por quatro principais pilares: o caráter, a saúde e o vigor, habilidade manual e destreza e o serviço ao próximo. E o adestramento resume isso quando procura, através de jogos e outras atividades, desenvolver a potencialidade física, social, intelectual, afetiva e espiritual de cada jovem.

Após passarmos pela pesquisa bibliográfica acerca do contexto retórico e do escotismo, é necessário observar os outros métodos de pesquisa que serão

necessários. O próximo capítulo tem a função de retratar qual é a metodologia utilizada para alcançar os objetivos deste estudo.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Nesse terceiro capítulo, ocorre inicialmente a descrição da metodologia utilizada na pesquisa. Trata-se de uma pesquisa exploratória, com base nos estudos bibliográficos realizados e com uma pesquisa de campo que se dividirá em duas partes: a primeira, uma pesquisa qualitativa onde a pesquisadora analisa o trabalho realizado por um chefe escoteiro (forma como ocorre a comunicação, transmissão de valores e uso de retórica), já que esse ocupa enquanto coordenador de jovens, o papel de comunicador. A última etapa consiste na aplicação e análise quantitativa de um questionário.

3.1 Metodologia

Para compreender o trabalho realizado pelo chefe escoteiro a partir do uso que esse faz da retórica, analisando sua oratória, seu discurso retórico e a relação que esse estabelece com os jovens escoteiros, optou-se pela condução de uma pesquisa exploratória com abordagem quantitativa e qualitativa, sendo utilizados também os procedimentos da pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, visando intensificar a relação do estudo com a teoria já pesquisada.

O primeiro passo consiste numa pesquisa exploratória que segundo Gil (1999) busca conhecer os conceitos e as ideias a respeito do que se pretende desenvolver uma investigação mais ampla. É indicado quando os temas são genéricos ou pouco explorados, como é o caso deste estudo. Para compreender o trabalho realizado pelo chefe escoteiro, a pesquisa exploratória contribuiu ao proporcionar maior familiaridade com a questão social do escotismo. Passamos por levantamento bibliográfico e a próxima parte será a análise do estudo de campo. A abordagem qualitativa oportuniza um amplo espaço de observação com base no estudo bibliográfico e por isso foi escolhida para compor a metodologia desse trabalho.

A pesquisa de campo, como já comentado no início deste capítulo, dividiu-se numa etapa qualitativa e numa etapa quantitativa, que contou com a aplicação de um questionário de 19 questões fechadas e que continha uma questão aberta, tendo o objetivo de conhecer as observações dos jovens a respeito do chefe escoteiro e do trabalho que esse realiza com os jovens. A aplicação do questionário aos 22 escoteiros, passou inicialmente pela seleção das questões e um pré-teste que ocorreu através de pesquisa exploratória; logo mais, foi elaborado o modelo final do questionário e através de contato direto com os entrevistados, a aplicação do mesmo e a transcrição dos resultados junto com a análise dos resultados associando-os à teoria estudada.

O que contribuiu na escolha do estudo de caso foi a boa amostragem de jovens em um grupo escoteiro com menos de dois anos desde a inauguração de suas atividades, sendo que grupos mais antigos, nem sempre possuem tal quorum.

Compõem a amostra, jovens que fazem parte do movimento escoteiro, mais especificamente da tropa do ramo escoteiro do, sob coordenação do chefe Marcelo Antônio Pires, objeto de estudo desse trabalho.

O questionário ocorreu entre a realização das atividades, momento onde a pesquisadora foi então apresentada aos jovens. O estudo de caso ocorreu no dia 04/11/2006, das 13h30min às 19hsn na sede do Grupo Escoteiro Peregrino, 324º/RS e no Horto Florestal. As informações obtidas nesse contato ajudam a compor a análise e as comparações com as questões teóricas já apresentadas nesse trabalho.

Esta forma de estudo de caso, possibilitou uma análise do trabalho realizado pelo chefe através das observações teóricas por parte do pesquisador e também pelo ponto de vista dos jovens, que são a razão do trabalho desenvolvido pelo chefe Marcelo. Para fins de contribuição, segue inclusive em anexo, uma auto-avaliação desse chefe escoteiro a respeito de sua atuação com a tropa.

3.2 Tipos de Pesquisa

Para alcançar o resultado esperado nesse trabalho, serão utilizados os seguintes métodos de pesquisa: **bibliográfica, qualitativa, quantitativa e estudo de caso exploratório**. Será analisado o papel do chefe escoteiro como comunicador, tendo como objeto de estudo o trabalho realizado pelo chefe Marcelo

Antônio Pires, que atua como chefe de seção do ramo escoteiro, no Grupo Escoteiro Peregrino 324°/RS, com sede no município de Sapucaia do Sul.

3.3 Definições dos métodos que vão ser utilizados

- **Pesquisa Bibliográfica:** é a consulta em recursos já existentes, como livros e artigos, que subsidiarão o estudo. Neste tipo de pesquisa busca-se explicar um problema a partir do uso de conhecimento já disponível a partir das teorias existentes (livros, revistas, artigos...).
- **Pesquisa Qualitativa:** vai analisar mais profundamente o fenômeno pesquisado.

[...] a principal diferença entre uma abordagem qualitativa e quantitativa reside no fato de a abordagem qualitativa não empregar um instrumento estatístico como base do processo de análise do problema. Na abordagem qualitativa, não se pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas. (RICHARDSON, apud BEUREN, 2003, p. 92).

Consiste na interpretação dos resultados tendo por base a percepção do investigador acerca do fenômeno e seu contexto. Isso auxilia na descoberta do uso ou não uso de retórica pelo chefe escoteiro e se isso traz resultados positivos ou não. Desta forma é possível identificar que a pesquisa qualitativa como adequada para este projeto.

- **Pesquisa Quantitativa:** É diferente da qualitativa justamente por *utilizar instrumentos estatísticos*, tanto na coleta quanto na análise dos dados. Por preocupar-se com o comportamento geral dos acontecimentos a pesquisa quantitativa não é tão profunda na busca do conhecimento.

A *abordagem quantitativa* é muito utilizada em *estudos descritivos* que buscam descobrir e classificar a relação entre variáveis e a relação de causalidade entre os fenômenos investigados. Por isso, também adequada a este estudo.

- **Pesquisa Exploratória:** O objetivo principal é fornecer a compreensão do problema encarado pelo pesquisador e segundo Malhotra, também oportuniza o “fornecimento de critérios sobre a situação-problema enfrentada pelo pesquisado e sua compreensão” (MALHOTRA, 2001, p. 106).
- **Pesquisa Descritiva:** “Se caracteriza pela formulação prévia de hipóteses específicas. Em consequência disso, a pesquisa descritiva é pré- planejada e estruturada.” (MALHOTRA, 2001, p. 108). A pesquisa descritiva envolve também o uso de técnicas padronizadas de coletas de dados, como questionários e observação sistemática, propício para este estudo.

3.4 Técnica de Coleta de Dados

A coleta de dados será qualitativa e quantitativa, através de entrevistas. Segundo Yin (2001) elas são consideradas uma das fontes mais importantes no estudo de caso, pois contribuem para que o entrevistador descubra novos conceitos através das opiniões dos entrevistados.

3.5 Análise dos Dados

Primeiramente será feito um estudo aprofundado sobre o tema abordado, para depois fazer o estudo de caso, e por fim, a interpretação dos dados coletados a partir da teoria previamente estudada.

3.6 Tipo de análise do chefe escoteiro como comunicador

A proposta anterior a este estudo, era analisar a forma como ocorrem os processos de comunicação existentes entre o chefe e os escoteiros, observando todos os componentes do processo. No entanto, na elaboração do projeto de pesquisa e posteriormente na pesquisa bibliográfica, viu-se que um estudo destes desviaria da questão retórica, que era o principal interesse visto o uso desta no meio publicitário. Portanto, observou-se neste estudo o discurso retórico: se ele ocorre nas comunicações entre o chefe e os escoteiros, como ocorre e o resultado obtido com o uso da retórica.

Uma vez realizada a pesquisa qualitativa e a quantitativa cabe discutir seus resultados e relacioná-los com a teoria e com os elementos já analisados a partir da proposta aristotélica e dos fundamentos do escotismo. O primeiro aspecto a ser comentado será a análise qualitativa do chefe Marcelo enquanto comunicador. O segundo, uma análise quantitativa do chefe Marcelo enquanto comunicador, a partir dos resultados obtidos com a aplicação do questionário junto aos escoteiros.

3.7 Análise qualitativa do chefe escoteiro como comunicador

A seguir serão apresentadas as principais observações obtidas através da pesquisa qualitativa, a partir de estudo exploratório colhido em visita dia 04/11/2006 ao Grupo Escoteiro Peregrino, 324º/RS, durante visita e atividade realizada no Horto Florestal, no município de Sapucaia do Sul. Observou-se o trabalho realizado pelo chefe Marcelo, tendo em vista que este ocupa, no compromisso voluntário de chefe escoteiro, o importante papel de comunicador.

Analisou-se a forma como o mesmo se comunicava com os jovens, bem como transmitia os valores escoteiros, na tentativa de identificar se ocorre a utilização de retórica, tendo como base dessa análise a teoria pesquisada e apresentada nesse estudo. É importante frisar que o chefe Marcelo é professor e que só foi informado sobre a realização dessa pesquisa, minutos antes do início da mesma, o que certamente gerou um pouco de intimidação. Portanto, nenhum

fragmento da programação da atividade teve a intenção de forjar um trabalho realizado, o retrato da mesma é a mais pura realidade.

Os jovens escoteiros são liderados por um membro adulto (chefe) e esse pode contar com o auxílio de assistentes. Nesse caso, o chefe Marcelo conta com a ajuda de dois auxiliares do sexo masculino e duas auxiliares do sexo feminino para liderar a tropa escoteira do Peregrino. Uma vez realizado o acompanhamento e a análise do trabalho realizado pelo chefe Marcelo junto aos escoteiros, foi possível observar a presença de diversos traços retóricos e esses serão relatados seguir.

Durante a atividade, cada um dos quatro assistentes possuía em mãos a programação detalhada da atividade, sendo que documentação idêntica também fora entregue à diretoria, com quinze dias de antecedência, para fins de aprovação e liberação. Isso prova que a organização é uma das características presentes no comportamento desse chefe escoteiro e que reforça o ideal de Baden Powell de que a presença de um adulto serve para orientar a prática do escotismo, e também servindo como guia de orientação, como exemplo. Jovens com idade entre dez e quinze anos, teriam consciência e responsabilidade suficiente para tomar as providências burocráticas aqui nesse caso, extremamente necessárias? Tudo indica que não.

Muitas pessoas que participam do escotismo costumam afirmar que o problema do movimento escoteiro está na atuação dos adultos, que seriam eles que “estragam” o escotismo. Alguns afirmam que os jovens teriam condições de

realizarem suas atividades sem a necessidade de qualquer auxílio de um membro adulto, outros simplesmente não aceitam que um chefe escoteiro faça a sua vontade e não a vontade dos jovens. Segundo Baden Powell, sempre que houvesse alguma dúvida, deveria se perguntar aos jovens.

É nesse ponto que o Peregrino se destaca, pois embora não tendo ainda dois anos de atividades desde sua inauguração em 22 de janeiro de 2005, os comentários são de que esse é um grupo que começou certo, unindo pessoas focadas em um mesmo objetivo e dispostas a seguir um mesmo plano de ação; o bom relacionamento do chefe Marcelo com seus quatro auxiliares só vem reforçar essa questão. Outro fator que demonstra a qualidade desse grupo escoteiro é inclusive o número de chefes, pois há uma escassez significativa de membro adulto dentro do movimento escoteiro.

No dia da visita, estava programada uma atividade externa, ou seja: fora das dependências da sede do grupo escoteiro. A tropa realizaria uma caminhada (jornada) até o Horto Florestal do município, onde fariam diversas atividades, satisfazendo uma prévia solicitação dos jovens que era a de passar uma noite sem dormir, realizando jogos. Até aqui já podemos perceber que o chefe está atento aos fundamentos do escotismo, oportunizando a prática de vida ao ar livre e demonstrando que compreende as necessidades, aspirações e desejos correspondentes à faixa etária de seus jovens, aqui nesse caso, visualizada através da realização da vontade de não dormir durante uma atividade escoteira. Inicialmente, cuidados com burocracias pode parecer algo óbvio, no entanto é

comentado aqui por não se tratar de uma realidade geral. Infelizmente, ocorrem casos onde os chefes não atentam as regras existentes.

O ponto de partida era a sede do grupo e logo no primeiro contato foi possível observar uma exemplar disciplina e grande respeito dos jovens pela presença do chefe Marcelo. Um fator confirmado quando o mesmo passou o comando a um de seus auxiliares e os jovens vieram a conversar entre si, e ao conversarem com o auxiliar, utilizaram tom mais amigável, descontraído e menos hierárquico. Essa admiração e consideração pelo chefe Marcelo era visível já na aproximação física, pois ao deslocar-se na direção dos jovens, pôde-se ouvir rumores: “Alerta, o chefe vem vindo”, sendo as posições anteriores retomadas, a atenção e até mesmo a postura corrigida em questão de segundos.

Tratar-se-ia de respeito ou temor? Foi a pergunta que fiz ao comentar minha percepção com os assistentes e mesmo sem demonstrar o que eu estava a analisar, fiquei contente, pois a opinião dos quatro assistentes era a mesma que a minha: respeito, obediência, não temor. Mas que fatores contribuiriam para isso? A idade do chefe não poderia ser, pois um de seus assistentes é mais velho e não tem por parte dos jovens a mesma reação. Os méritos adquiridos em cursos específicos sobre escotismo? Talvez. Mas a resposta que mais se aproximaria da situação seria o seu potencial retórico.

Poder-se-ia pensar que o chefe Marcelo seria um líder ríspido ou algo semelhante, no entanto utilizou-se de voz acolhedora para transmitir informações

sobre a atividade que estava por vir. Fez brincadeiras, descontraiu o pessoal. Gerou expectativas, despertou motivação utilizando uma nítida característica retórica: as alterações de intensidade em seu tom de voz ao explicar: “Vocês ficarão acordados da meia-noite até o dia clarear”. O tom um tanto fantasmagórico do “meia-noite” parecia fazer brilhar os olhos daqueles jovens escoteiros.

As informações gerais sobre a atividade foram transmitidas de forma clara, objetiva, passando grande segurança através da voz calma, porém firme. Sua excelente oratória permite associações diretas com credibilidade, ficando praticamente nula a presença de dúvidas ou incertezas sobre o que o chefe se refere. O uso do corpo como instrumento de expressão, o olho a olho, a dicção, somado a tantas outras ferramentas utilizadas para conciliar interesse, já garantia desde o início: havia ali um nato comunicador retórico.

Durante conversa com uma de suas assistentes, o chefe demonstrava ansiedade e preocupação com o sucesso da atividade. Não no sentido de não estar seguro, mas procurando rever a programação, observar os detalhes, conferir material, sempre transparecendo sua intenção de alcançar o maior êxito possível com a atividade. Percebe-se na prática uma preocupação e um apontamento das teorias de Baden Powell quanto a busca do chefe por êxito e quanto às questões de se pensar em quem deve ser beneficiado com tudo isso: os jovens. Cabe reforçar aqui que o escotismo é um movimento de jovens e para os jovens, com a colaboração de adultos.

Logo após a chegada ao Horto Florestal o chefe Marcelo se identificou junto à portaria do local, apresentando-se para o vigia do turno, sendo muito educado e simpático. O fato do profissional do Horto Florestal estar ciente da realização daquela atividade comprova que a mesma estava bem preparada e de que foram tomadas as providências cabíveis para realização de uma atividade desse porte. Sua primeira atitude foi um reconhecimento do local e o início dos preparativos para a chegada dos jovens, que seguiam atrás, em jornada, na companhia de dois de seus assistentes.

Assim que os jovens chegaram ao local foram passados os cuidados a serem tomados e as informações básicas sobre o local, como a localização do banheiro feminino e masculino, o local onde ocorreriam as refeições e o lugar determinado para que deixassem as mochilas. Enquanto as patrulhas organizavam seus materiais, a chefia fez uma breve reunião para rever a programação, acertar detalhes, direcionar as tarefas de cada assistente. É relevante comentar que sempre que alguma patrulha precisava, por algum motivo, afastar-se do ponto central do “acampamento” e adentrar-se nas trilhas ecológicas, havia um assistente acompanhando, portanto, no caso de uma emergência, poderiam prestar socorro bem como auxiliar com dicas, informações gerais, além de servirem como fonte de motivação constante: “Vamos mostrar pro chefe Marcelo que essa patrulha é show de bola”.

A pista de cordas para uma atividade de aventura que realizou-se durante a madrugada, foi montada pelo chefe Marcelo e esse ainda “desabafou” comigo: “Esse tipo de atividade, com cordas, com risco, prefiro eu mesmo fazer, para ter a certeza

de que está realmente seguro, está em condições” o que demonstra a preocupação com a segurança dos jovens, a segurança da atividade, “para que ocorra tudo dentro dos conformes”.

Pouco antes do início do primeiro jogo e ao inteirar-se da realização das tarefas propostas, o chefe fez uma cobrança singela: “Está tudo pronto?” e outrora: “Foi feito?”. Isso deixa transparecer seu perfil exigente e de certa forma, não estaria aí um reflexo do cumprimento de uma das tarefas do chefe escoteiro, que consiste em explorar o íntimo de cada jovem? É bem provável que sim. Ainda com relação a essa atuação direta do chefe Marcelo com a tropa, o mesmo transmitia as informações e nunca deixava de abrir um espaço direcionado às perguntas e ao esclarecimento de dúvidas. Isso demonstra sua acessibilidade para com os jovens, sua disponibilidade de auxiliar, de ser amigo, de transmitir afeto, numa simples acolhida que é a resposta de uma questão para qualquer um dos jovens.

Observou-se no decorrer do trabalho que as convenções da representação, as formas de expressão, o equilíbrio entre o familiar e o novo, esperado e inesperado, bem como o reconforto da narrativa e da voz seriam grandes indícios de um comportamento retórico. Nesse sentido, o tom de voz utilizado pelo chefe Marcelo para questionar se alguém tinha dúvidas, mostrava que ele saberia realmente responder a qualquer uma dessas, criando e fortalecendo assim a sua imagem de um chefe atencioso, responsável, amigo e que ressalva sua ação retórica, pois os jovens são levados a acreditar no chefe a partir desse e de outros vínculos, eventos e experiências.

Em determinado momento, onde foi necessário chamar a atenção de uma patrulha, fez-se com discrição, pedindo que outros membros juvenis que estavam por perto se retirassem das proximidades por um momento. Ou seja, dentro do que foi visualizado anteriormente, observa-se que ele teve preocupação em orientar e instruir aqueles jovens, aproveitando uma falha dos mesmos como gancho para mostrar-lhes o caminho certo que é uma boa conduta moral.

Cabe observar que houve flagras de motivação. O chefe olhava para os jovens, ouvia seus comentários, demonstrando interesse em suas histórias, carinho e compreensão pela fase da vida pelo qual aqueles jovens estão passando. Ora percebeu-se até mesmo encorajando-os. Ergueu o tom de voz mais uma vez, porém então com animação e até mesmo riso, motivando um pequeno grupo que chegara atrasado para uma convocação geral da tropa. A descrição das tarefas foi impreterivelmente acompanhada de um número considerável de descrição de detalhes, tanto que raramente havia dúvida por parte dos jovens e as que surgiam, geralmente era devido à falta de atenção dos jovens. Outras perguntas surgiram também, mas constantemente tratavam sobre algo fora do contexto, como por exemplo: “Que horas vai sair a janta?” ou “Que hora nós vamos embora amanhã?”.

Observou-se o uso de mistério e a continuação de estímulos de expectativa. Os jovens haviam recebido orientações uma semana antes sobre algumas tarefas prévias, onde segundo relatos os mesmos foram estimulados a demonstrar empenho, dedicação, visto que esses viessem a comunicar-se entre si, resolvendo possíveis pendências para a atividade. O tema dessa atividade tão envolta em mistério? Lendas de terror. Utilizou-se inclusive de uma saudável brincadeira,

fazendo referência aos seus cabelos brancos (quase imperceptíveis), para cobrar esforço no cumprimento das tarefas. Mostrou-se dessa forma, dotado de senso de humor e ao estimular descontração, percebeu-se a busca por uma identificação do receptor para consigo e sua proposta; fatores que deflagram seu comportamento completamente retórico, além de estar praticando a lei escoteira.

Faz-se necessário observar que a comunicação entre o chefe e os jovens escoteiros possui tanta retórica (seja consciente ou inconscientemente) que até mesmo o feedback é retórico. É simples de se provar essa questão, basta observar uma frase bem comum entre os escoteiros: “Ah, chefe! Por favor! Deixa?”. Esse tipo de apelo é explicitamente emocional e como sabemos, tal tentativa em sustentar uma opinião, utilizando-se de diversos argumentos, com a intenção de que o chefe venha a ceder aos seus caprichos é nada mais, nada menos do que a essência retórica descrita por Aristóteles e apoiada por Perelman.

Com tudo isso, o chefe Marcelo demonstra estar dentro do perfil ideal de comportamento de um chefe escoteiro, segundo Baden Powell, pois apresenta uma mentalidade jovial, colocando-se num nível adequado aos jovens ao utilizar-se de uma linguagem própria para o público adolescente (com apoio de gírias, vícios de linguagem). Além disso, percebe-se seu conhecimento, sua interação sobre as condições atuais de cada indivíduo e a prática do sistema de patrulha desenvolvido pelo fundador do movimento e em seu perfeito funcionamento, pois os jovens compreendem que cada um é uma peça importante do grande quebra-cabeça que é o escotismo. Não restam dúvidas de que o chefe Marcelo é dotado de belo caráter, servindo como modelo ideal de exemplo pessoal.

Outro fator que confirma seu perfil ideal é a forma como apresenta compreender as necessidades, aspirações e desejos dos jovens, o que é extremamente visível quando se interessa individualmente pelo que está fazendo cada um dos jovens e por suas conversas amigáveis quando a tropa está reunida, permitindo relatos individuais e comentários por parte de todos, que certamente estimula um espírito de grupo. (POWELL, 1982) No entanto, houve algo que chamou muito a minha atenção: uma discreta mas existente agressividade verbal e falta de respeito com que ora os jovens se tratam. Próprio da idade ou a culpa estaria no exemplo pessoal do chefe? Espera-se que a pesquisa quantitativa nos traga uma resposta.

Na literatura escoteira, percebe-se que o texto e conseqüentemente a fala de Baden Powell era repleta de metáforas, o que, aliado a tantas outras características desse visionário, prova que o mesmo era também um grande orador. Com base nisso tenho a ousadia de afirmar que, foi ele o pai da retórica dentro do escotismo e todos os chefes que venham a espelhar-se nele, acabam se comportando de forma retórica.

3.8 Análise quantitativa: questionário aplicado aos jovens

A seguir serão apresentados os principais resultados da pesquisa quantitativa. A coleta de dados foi realizada dia 04/11/2006, na mesma ocasião da pesquisa qualitativa. O objetivo da pesquisa quantitativa era identificar o trabalho

realizado pelo chefe Marcelo, enquanto chefe e comunicador, a partir do ponto de vista dos membros da tropa escoteira da qual o chefe Marcelo atua e para que pudesse servir também como um comparativo com os dados obtidos na pesquisa exploratória.

O instrumento de pesquisa era composto por 20 questões, sendo 19 objetivas e uma descritiva. Da 1ª à 6ª questão, os entrevistados deveriam considerar: (1) “Ruim”, (2) “Regular”, (3) “Bom”, (4) “Muito bom” e (5) “Excelente”; da 7ª à 15ª questão, os entrevistados deveriam marcar entre as três alternativas: “Sempre”, “Às vezes”, “Nunca”; da 16ª à 19ª questão, poderiam marcar quantas alternativas achassem necessário. O referente questionário foi aplicado a 22 jovens.

- **Questões de 1 a 6:**

A 1ª questão tratava do relacionamento entre o jovem e o chefe escoteiro e “Excelente” foi o item mais citado pelos entrevistados com percentual de 64% e apenas um entrevistado marcou a opção “Regular”. Esta questão foi elaborada com intuito de observar subliminarmente a imagem do chefe escoteiro, visto que um bom orador tem o potencial de deixar os ouvintes em estado de admiração e não perde oportunidade de um diálogo, tudo para manter sua imagem. Como reforça Vestergaard:

A linguagem verbal é o nosso veículo de comunicação mais importante, mas, ao dialogarmos, a fala vem acompanhada de gestos e de posturas mediante os quais nos comunicamos de forma não verbal. O emprego simultâneo da comunicação verbal e não verbal constitui um elemento extremamente importante [...] (2000,p. 13)

Cabe complementar:

Embora o caráter do auditório seja primordial na argumentação retórica, a opinião que esse auditório tem do orador desempenha um papel de igual importância [...] É impossível à argumentação retórica escapar à interação entre a opinião que o auditório tem da pessoa do orador e aquela que tem dos juízos e argumentos deste. (PERELMAN, 1997, p. 74)

Diante da contribuição desses autores, é interessante apresentar o resultado obtido na 5ª questão que de certa forma resume o principal interesse desta pesquisa quantitativa, pois trata sobre o potencial retórico do chefe escoteiro. Foi questionado sobre a forma como o chefe solicitava as tarefas e o maior percentual encontrado foi de que 46% dos entrevistados marcaram a alternativa “Excelente”, sendo “Muito bom” (27%) o segundo maior percentual.

O menor apontamento dessa questão foi uma única marcação na opção “Regular” e é interessante comentar que quem marcou essa alternativa chegou inclusive a escrever seu nome completo no questionário. O percentual de 18% corresponde à alternativa “Bom”, sendo que a maior incidência desses 18% ocorreu por parte dos os jovens que tiveram a atenção chamada pelo chefe instante antes à aplicação do questionário, o que pode possivelmente, por impulso, ter ocasionado a escolha por uma alternativa de menor valor. Contudo, os índices positivos demonstrados nessas duas questões, denotam a presença de traços retóricos no comportamento do chefe Marcelo, durante a realização de seu trabalho como chefe e comunicador.

Buscando uma confirmação sobre o bom relacionamento do chefe Marcelo com outros chefes e na tentativa de revelar outra característica retórica, que é a de estar atento a tudo que acontece à volta, estudando possíveis futuros adversários de um discurso, o resultado satisfatório, pois a maioria (59%) marcou “Excelente”.

A questão três abordava a respeito das atividades em âmbito geral, pois conforme foi visto na pesquisa bibliográfica o chefe deve oportunizar atividades atrativas e variadas, não se esquecendo da importância da prática de vida ao ar livre proposta por Baden Powell, que é um dos métodos escoteiros. Por outro lado, esta mesma questão “entregaria” se o chefe tem o comportamento retórico de unir seu interesses aos dos outros. O desejo de todo chefe é ter uma boa tropa escoteira, de preferência abrangendo o maior número possível de membros; porém, para unir esse interesse pessoal ao interesse dos outros, deve realizar um bom trabalho e portanto praticar o escotismo em sua essência.

Foi esse o resultado constatado através desta pesquisa quantitativa, pois 59% dos entrevistados marcaram “Muito bom” para as atividades, sendo “Excelente” (18%) a 2ª alternativa mais registrada. Esses dados, se somados á uma questão anulada por falta de atenção, onde o jovem desconsiderou a determinação da questão e marcou “10”, esse saldo “Excelente” seria o equivalente a mais de 20%, que corresponde a um resultado percentual 79% positivo e que só contribuem na confirmação do potencial retórico dos discursos do chefe escoteiro.

A tentativa de unir interesses, presente na questão anterior, é sustentada com o resultado da questão quatro, que averiguava sobre a participação dos jovens na escolha das atividades, onde metade dos entrevistados marcou “Muito bom”. Um fator que despertou minha curiosidade é que essa metade poderia servir perfeitamente como amostra, pois houve participação de todas as idades entre os que marcaram essa alternativa.

A questão número seis fazia referência ao domínio dos assuntos abordados e das atividades proporcionadas à tropa pelo chefe Marcelo. Questão que mascara outra característica retórica e já abordada na análise qualitativa e nas discussões presentes na pesquisa bibliográfica, que é a convicção. Perelman (1997, p. 114) vai garantir que:

[...] o orador, quando quer defender uma noção vinculada às teses por ele sustentadas, apresenta-a como sendo não confusa, mas maleável, rica, ou seja, como encerrando de antemão grandes possibilidades de ser valorizada, e sobretudo como podendo resistir às investidas da experiência nova.

A transmissão de sensação de segurança enquanto se fala é um indício de presença retórica. Fator que prova a capacidade de discurso retórico de um orador, tanto que jovens em tenra idade já conseguem perceber que o chefe tem domínio do assunto, como aponta o resultado da questão seis. Mais da metade dos entrevistados marcaram: “Excelente” (64%) e 32% afirmaram que o chefe tem um domínio “Muito bom”, conforme é possível observar no quadro a seguir.

QUESTÕES	ALTERNATIVAS					
	RUIM	REGULAR	BOM	MUITO BOM	EXCELENTE	NULO
Relacionamento com o chefe	0%	5%	18%	14%	64%	0%
Relacionamento do chefe com outros chefes	0%	0%	9%	32%	59%	0%
Com relação às atividades	0%	5%	14%	59%	18%	5%
Participação dos jovens / escolha das atividades	0%	9%	27%	50%	14%	0%
Forma como o chefe solicita as tarefas	0%	5%	18%	27%	46%	5%
Nível de conhecimento do chefe	0%	0%	0%	32%	64%	5%

Entre as seis primeiras questões, pode-se observar que a alternativa “Ruim” não foi marcada nenhuma vez pelos entrevistados, o que reflete o trabalho positivo que o chefe Marcelo realiza.

- **Questões de 7 a 15:**

Quando questionados se discordam do chefe, visualizou-se uma maioria de adeptos pela alternativa “Às vezes” (59%). Ocupando a alternativa “Nunca” (36%) a 2ª alternativa mais lembrada, prova-se que não existe autoritarismo nas ações do chefe, mas também confirma o que já visualizamos na pesquisa qualitativa: a hierarquia é algo bastante respeitado. Assim, um cargo ocupado por alguém pode representar diferença num discurso retórico.

As contribuições de Perelman (1997, p. 74) esclarecem que embora o orador apresente competência, características de autoridade e prestígio, isso não será necessariamente algo constante; a cada instante do tempo, sofre-se influência de tudo o que já foi argumentado e é disso que dependerá a conquista do público, como comprova a afirmação: “O prestígio do orador só age na medida em que este consente em envolvê-lo. Um aumento de prestígio pode resultar do discurso, mas a cada enunciado, uma parte desse prestígio está exposta ao risco”. Para tanto, é necessário estar atento a tudo que ocorre à volta, pois essa pode ser uma garantia de conquista do público.

Com base nesses estudos, a questão número oito acaba evidenciando algo interessante, pois na pesquisa qualitativa, assim como nas revelações da pesquisa quantitativa até o momento, os jovens acreditavam no que o chefe diz. No entanto, alternativas marcadas nesta questão apresentaram divergência. Tratava-se de uma questão objetiva, sem margem a segundas interpretações e que não deixara dúvidas durante a prévia leitura do questionário a todos os entrevistados. Ao serem questionados se acreditam no chefe os escoteiros marcaram: “Sempre” (45%), com ressalva de 41% que marcou “Às vezes” e 14% de “Nunca”. A hipótese mais provável para este resultado, é a falta de atenção comum à faixa etária dos entrevistados e outro fator considerável é que a maioria dos entrevistados convive com o chefe Marcelo há menos de um ano.

Como foi visto no capítulo sobre escotismo, uma das tarefas do chefe escoteiro é auxiliar o jovem no desenvolvimento pleno de suas potencialidades em cinco âmbitos: físico, social, intelectual, afetivo e espiritual. Da 9ª à 13ª questão, o objetivo era investigar se isso é uma realidade dentro da tropa. Já era esperado que as mesmas apresentassem contradições, no entanto foram mantidas no questionário para fins de confirmação.

- Questão 9: Desenvolvimento físico

Ao ter de afirmar na se gostavam dos jogos que o chefe proporciona, a maioria afirmou “Às vezes” (64%), seguido de “Sempre” (32%) e cabe destacar que a alternativa “Nunca” não foi abordada e que um dos entrevistados anulou a questão.

- Questão 10: Desenvolvimento social

O desenvolvimento dessas habilidades deve ocorrer, mas não precisa, necessariamente, abranger todas ao mesmo tempo. Quando questionado se o chefe oportuniza atividades sociais, houve um percentual de 55% marcando “Sempre” – que ficou dentro do que era esperado, contudo melhor seria se houvesse uma diferença maior para com o segundo: “Às vezes” (45%). O efeito surpresa da aplicação de um questionário e a típica ansiedade e falta de atenção dessa faixa etária pode ter ocasionado esse diferencial tão significativo.

- Questão 11: Desenvolvimento afetivo

Destacou-se por sua unanimidade: o percentual sobre o estímulo de amizade dentro da tropa, por parte do chefe, atingiu a marca de 100% dos entrevistados marcando a alternativa “Sempre”. No entanto, já vimos na análise qualitativa que a mesma difere desse resultado, pois ora os jovens apresentavam um teor de agressividade verbal em suas frases.

- Questão 12: Desenvolvimento intelectual

Na tentativa de observar o estímulo ao “pensar” proporcionado através do trabalho realizado pelo chefe Marcelo, averiguou-se que 13 escoteiros afirmaram “Sempre” e nove marcaram “Às vezes”. Resultado consideravelmente bom e dentro do imaginado.

- Questão 13: Desenvolvimento espiritual

Ao analisar se o chefe promove atividades que desenvolvam a espiritualidade dos jovens, o resultado foi satisfatório: 68% marcaram “Às vezes”, 23% “Sempre” e apenas dois entrevistados marcaram “Nunca”, sendo que um está na tropa há cinco meses e outro há um mês. É provável que tenham participado de alguma atividade desse tipo e nem tomaram ciência.

Servindo de contrapeso à questão 10, é relevante apresentar dois itens presentes na questão 19, pois embora não obrigados a marcar essas alternativas, especificamente, 100% dos entrevistados consideraram “Educado” e “Calmo” como características atuantes na personalidade do chefe Marcelo. Cabe salientar que existe uma harmonia entre esses apontamentos e os da pesquisa qualitativa. A pesquisa quantitativa vem reforçar hipóteses que havia primeira, pois o exemplo muito positivo que o chefe Marcelo prova não influenciar de forma alguma nessa agressividade dos jovens.

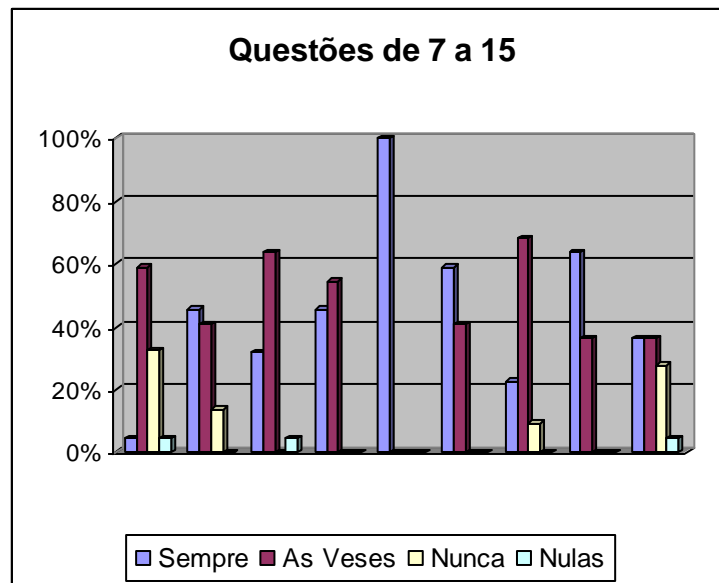
Onde estaria a causa? A provável origem desse comportamento está nos outros estereótipos sociais, incluindo as influências da mídia. Impacto social que se reflete no fato de um movimento do porte do escotismo: com tradição de quase 100 anos, regras a serem cumpridas e onde valores devem ser estimulados a cada ação, cada atividade, tem perdido sua força ano após ano. O problema de tudo isso parece ser também o esquecimento de uma das orientações deixadas por Baden Powell que é a do chefe assumir a missão de ensinar autodisciplina e abnegação, tendo uma visão mais ampla e, antes de tudo, estando acima de mesquinhasias pessoais.

No segundo capítulo deste estudo, foi possível observar a importância do sistema de patrulha, segundo Baden Powell. A questão número 14 tem o intuito de averiguar se a teoria é aplicada na prática, e se os jovens tem ciência disso. Por sinal, os resultados obtidos nessa questão resumem o que foi visto sobre sistema de patrulha: 64% dos entrevistados afirmaram que o monitor “Sempre” tem um papel definido dentro da tropa. O segundo mais citado foi “Às vezes” (36%). Essa diferença

pode ter sido ocasionada pelo fato de que o chefe, na tentativa de ir capacitando novos monitores executa, muitas vezes, atividades onde os monitores não podem contribuir com seu conhecimento e nem com suas experiências. A média de tempo de participação entre esses que marcaram a alternativa “Às vezes” é de menos de um ano de atividade. Sendo que os jovens passam quatro anos na tropa, esse é consideravelmente um tempo bom, mas ainda assim pequeno para observar essas questões, se comparado ao tempo total que ficam na tropa.

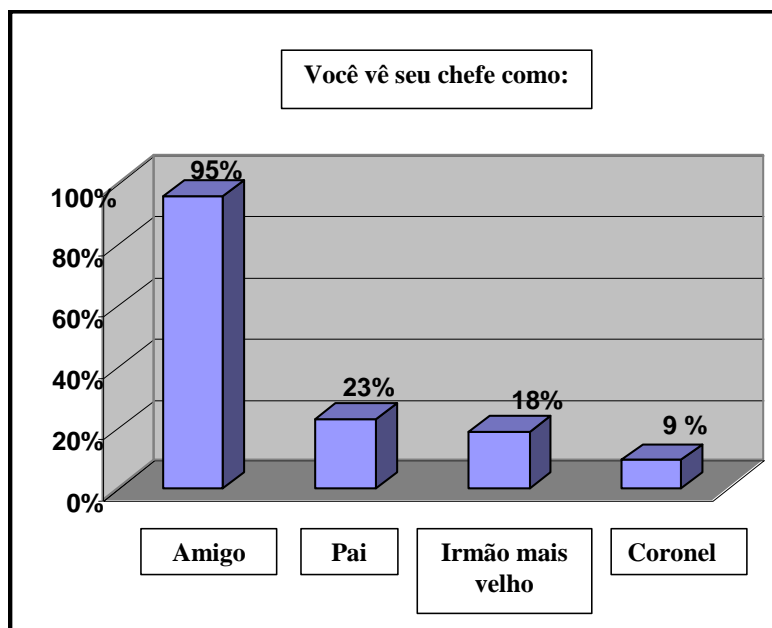
Vestergaard (2000, p. 14) afirma que “na comunicação particular, os interlocutores ora falam ora escutam”. Nesse contexto, a questão 15 veio observar a proximidade existente entre o chefe e os jovens escoteiros, bem como observar se existiam empecilhos nessa relação. O resultado obtido foi um empate e os números apontados pelos escoteiros foram: 36% marcaram a alternativa “Sempre” e 36% marcaram a alternativa “Às vezes”, 23% marcaram “Nunca” e uma pessoa não respondeu a questão. Levando em consideração a timidez e uma possível dificuldade para lidar com seus próprios problemas afetivos, conclui-se que esse empate ainda é considerado um ótimo resultado.

Na representação gráfica das questões 7 a 15 podemos melhor observar os resultados obtidos.

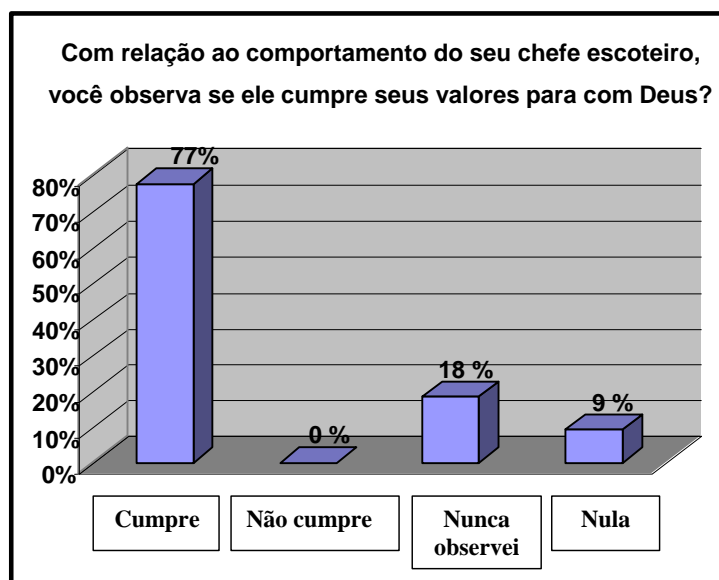


- **Questões de 16 a 19: Alternativas de múltipla escolha**

A questão número 16 dessa pesquisa quantitativa questiona como os jovens descrevem o chefe e serve de alerta e reflexo da realidade social atual. A ausência cada vez mais comum de famílias bem estruturadas, se mostra nas respostas da tropa escoteira. Apontou-se que o chefe é “Amigo” como item mais citado pelos entrevistados (95%), os percentuais de “Pai” (23%) ocuparam o segundo lugar e apenas 18% dos entrevistados marcaram o que ficou claro na pesquisa bibliográfica: O chefe deve ser com um irmão mais velho. A alternativa “Coronel” recebeu 9% das marcações. O teor das respostas dessa questão confirmam com os relatos da questão 20 que veremos a seguir e demonstram a principal descoberta desse estudo de caso, pois tudo indica que o escotismo está sendo visto como um local para encontrar e fazer amigos, antes de um movimento educacional. Essa realidade fica mais explícita quando observamos no gráfico:

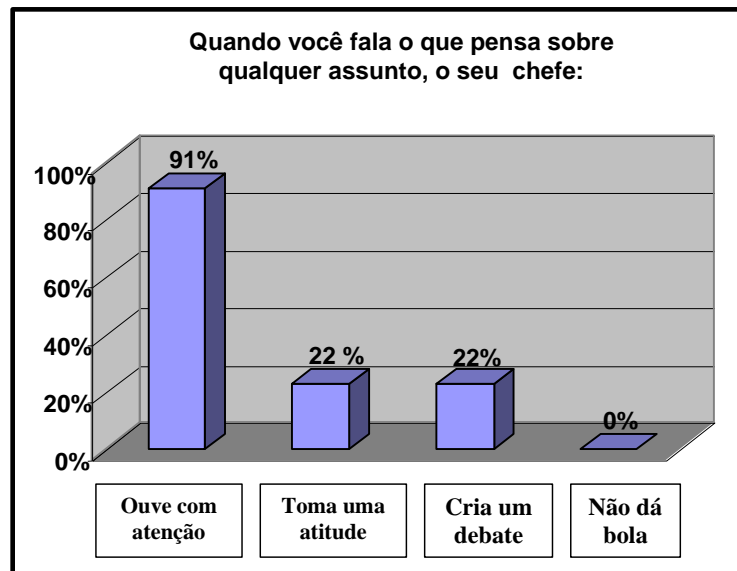


A questão 17, indagava sobre o exemplo pessoal do chefe na prática de sua espiritualidade e os resultados foram extremamente significativos, o que mostra o trabalho realizado pelo chefe Marcelo e descrito como ideal por BP. Os percentuais estão no gráfico a seguir:



A questão 18 tinha o objetivo de reforçar a questão 16, e o resultado obtido foi muito positivo. Investigava-se o comportamento do chefe em situações onde os

jovens expressem suas opiniões, observou-se que: 90% marcaram que o chefe ouve com atenção e em segundo lugar, houve um empate. Quanto a alternativa “Não dá bola” (que não recebeu marcação por parte dos entrevistados) cabe salientar que sua linguagem utilizada é proposital, numa tentativa de adequar o instrumento de coleta de dados a faixa etária dos jovens, criando um ambiente descontraído ao se aproximar da questão descritiva, que era a fonte de prováveis surpresas da pesquisa. Podemos visualizar no próximo gráfico:



No geral, a questão 19 também foi vista como saldo positivo. Os jovens tinham de marcar as características que achavam que o chefe possui. Segue abaixo, os dados adquiridos:

- Responsável: 95% das citações;
- Calmo: 100% das citações;
- Paciente: 95% das citações;
- Impaciente: 14% das citações;

- Organizado: 100% das citações;
- Motivado: 95% das citações;
- Desanimado: 4% das citações;

Vale ressaltar:

- Educado, como já foi comentado, recebeu 100% das citações.
- As alternativas: “Irresponsável”, “Agressivo”, “Agitado” e “Desorganizado” não receberam nenhuma marcação.
- **Questão 20 – Descritiva**

Essa questão tinha o objetivo de identificar o porquê dos jovens participarem do escotismo. Acreditava-se que nessa oportunidade, poderia evidenciar fatores que comprovassem ou desmentissem os resultados obtidos na pesquisa qualitativa e na quantitativa. A seguir segue um resumo dos comentários feitos pelos entrevistados:

“Por que você é escoteiro?”

Por compreender o que esse movimento significa.

Porque sigo os princípios do escotismo.

Porque acho o escotismo uma lição de vida.

Para aprender a ser mais organizado, responsável e educado.

Porque gosto de ajudar as pessoas e ser um bom cidadão.

Muito legal.

Porque não tem nada pra fazer.

Porque me ajuda a ter mais paciência.

Porque é interessante e traz disciplina pra gente.

Pra conhecer pessoas inteligentes, porque são escoteiros.

Pelo contato com o meio ambiente.

Porque gosto e me sinto bem.

Aprendo algumas coisas novas, estimuladoras.

Mais caráter.

Houve consenso quanto participarem do movimento escoteiro para se tornarem pessoas melhores e a frases que no meu ponto de vista mais se destacaram foram:

- “Escotismo é algo que me completa”
- “Por causa da confraternização que existe”.
- “Porque crio amigos”

Ao término desta análise quantitativa é notório que a mesma não apenas contribuiu para reforçar a pesquisa qualitativa, mas também para comprovar alguns fatores mencionados na pesquisa bibliográfica realizada previamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento deste trabalho foram abordadas diversas questões referentes à retórica e ao escotismo dentro de uma atmosfera de comunicação. O presente estudo analisou o uso de retórica pelo chefe escoteiro e foram encontradas demonstrações significativas de que o mesmo se utiliza dessa "arte de falar bem" para transmitir valores e ensinamentos escoteiros. Observou-se através dos resultados obtidos na pesquisa que o retorno recebido por esse emprego retórico é positivo, porque ao utilizar-se de retórica, seja de forma consciente ou inconsciente, o chefe escoteiro consegue criar uma ligação entre os seus interesses e o interesse dos jovens. No entanto, a questão que mais merece destaque nesse trabalho vem a seguir.

Os resultados da análise do trabalho realizado pelo chefe Marcelo junto aos escoteiros evidenciaram-no como um exemplo de chefe, comparado ao ideal de chefe escoteiro estabelecido por Baden Powell, fundador do escotismo. Comprovou-se através de seus discursos que ele compreende o ideal do escotismo e o aplica na prática, enquanto que os jovens, mesmo também praticando escotismo, têm motivos

bem diferentes para participarem desse movimento que é dedicado a eles. Notou-se no estudo bibliográfico que a juventude do início do século XX precisava de algo para mostrar um caminho que os ajudassem a se transformar em cidadãos retos de caráter e de moral. E diferente disso, a juventude atual parece estar mais interessada na moda do momento do que numa oportunidade de moldar sua personalidade e, conseqüentemente, tornar-se uma pessoa melhor.

Assim, é possível definir que o chefe Marcelo pratica o escotismo, no entanto seus jovens (embora também o pratiquem) valorizam a amizade com maior intensidade do que valorizam o escotismo. Nos dias de hoje, diferente do escotismo de dez anos atrás, o movimento escoteiro parece ser muito mais uma reunião de amigos do que uma forma de moldar o caráter dos jovens. O escotismo ainda serve como um instrumento moldador de valores, mas a importância atribuída é bem diferente do que havia antigamente.

O que deveria ser o interesse primordial perde espaço para o peso dedicado aos valores de amizade. E mesmo que o uso de retórica pelo chefe escoteiro sustente seu trabalho com recursos da retórica e isso resulte em fantásticos resultados, ainda não tem força tamanha a outras influências que os jovens sofrem. A mídia pode ser um desses agentes influenciadores, a educação escolar, familiar e religiosa, outros. Mas somente um estudo mais aprofundado poderia definir essa questão.

Constatou-se que as técnicas escoteiras são transmitidas pelo recurso de jogos e outras atividades. A escolha destas podem partir tanto do chefe, quanto dos auxiliares, como dos jovens. Contudo, o momento principal é o da execução da mesma e esse comprovou-se ocorrer com muito apoio retórico: antes, durante e depois da realização destas atividades. E esse discurso segue nas orientações, nos debates, nas conversas informais, na realização das tarefas e nos relatos de suas experiências.

Embora a pesquisa deste estudo tenha sido constituída de uma pequena amostra, foi possível verificar inúmeros usos de técnica retórica. Enquanto comunicador, o chefe Marcelo utilizou-se de oratória, apelo emocional, observação do comportamento dos jovens (nesse caso, adversários de discurso), entonação, linguagem, dentre outros já citados em breves fechamentos ao longo do trabalho.

Desse modo, a título de considerações finais, procurar-se-á, a partir dos aspectos discutidos, apontar para alguns dos seus possíveis desdobramentos e implicações. Sugere-se estudo a respeito da influência das mídias num grupo social tão restrito como o escotismo. Uma alternativa a ser investigada pode ser a trajetória e o significado das experiências adquiridas na prática escoteira e também um estudo aprofundado sobre o perfil desses jovens, podendo abranger ainda pesquisas a respeito do processo de comunicação existente nesse tipo de relação dialógica. Um estudo semelhante tratando paralelamente do emissor e do receptor, ou ainda um estudo do processo de comunicação analisando todos os elementos que compõem o mesmo. Por motivos maiores, um estudo a respeito de mito ou carisma, não integraram neste trabalho, mas fica aqui a sugestão para mais um desdobramento.

Conclui-se, então, que os dados obtidos na análise qualitativa e confirmados com a pesquisa quantitativa, corresponderam a um índice 55% positivo quanto aos apontamentos bibliográficos e isso certamente servirá de exemplo para outros chefes escoteiros como um molde a ser utilizado nas atividades escoteiras daqui por diante. Não podendo esquecer que esse estudo, pode estar representando uma reabertura de ampla discussão acerca de retórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, **Retórica**: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1998.

ECO, Umberto. **A Estrutura Ausente**: Introdução a Pesquisa Semiológica. 7. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2001.

Estatuto da União dos Escoteiros do Brasil. Brasília, DF – 1994.

FARBIARZ, Jackeline Lima. **Estabelecendo a Ponte**: Uma Visão Bakhtiniana de Argumentação. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte, MG: p. 1-13.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 1999.

HALLIDAY, Tereza Lúcia. **O que é retórica**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LARSON, John W. **Fronteira da Juventude**: Como Tomar Decisões Éticas – Adultos. Porto Alegre, RS: SEC, 1987.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de Marketing**: Uma Orientação Aplicada. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MONTEIRO, Ivan Bornallo. **Guia do Sênior**. Editora Escoteira, 1983.

NAGY, Laszlo. **250 milhões de escoteiros**. Porto Alegre, RS: Corag, 1978.

PERELMAN, Chaïm. **Retóricas**. 1. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.

POWELL, Baden. **Guia do chefe escoteiro**. Editora Escoteira, 1982.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Manual de Metodologia Científica**. 3 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar Mídia?**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1999.

VESTERGAARD, Torben; SCHRODER, Kim. **A Linguagem da propaganda**. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2000.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2001.

OBRAS CONSULTADAS

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Além dos Meios e Mensagens:** Introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O Que é Ideologia.** 3. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1981.

COELHO, Teixeira. **O que Indústria Cultural.** 4. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1981.

FERRARA, Lucrecia D'aléssio. **A Estratégia dos Signos:** Linguagem, Espaço, Ambiente Urbano. 2. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 1986.

GARCIA, Nelson Jahr. **O que é Propaganda Ideológica.** 10. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1992.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação e Poder:** A Presença e o Papel dos Meios de Comunicação de Massa Estrangeiros na América Latina. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** 9. ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2004.

HIRSCHMAN, Albert O. **A Retórica da Intransigência:** perversidade, futilidade, ameaça. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem.** Campinas, SP: Papyrus, 1996.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 28. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1999.

LANDOWSKI, Eric. **A Sociedade Refletida: Ensaio de Sociosemiótica**. São Paulo, SP: Educ; Pontes, 1992.

LEACH, Edmund. **Cultura e Comunicação: A Lógica pela qual os Símbolos estão Ligados**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1978.

MAFFESOLI, Michel; NEVES, Luiz Felipe Baíta. **O Tempo das Tribos: o Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1998.

MOLES, Abraham A.; BAUDRILLARD, Jean; BOUDON, Pierre; et al. **Semiologia dos Objetos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

PEIRCE, Charles S.; COELHO, Teixeira. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 1999.

POWELL, Baden. **Caminho para o Sucesso**. São Paulo, SP: Editora Escoteira, 1965.

_____. Baden. **Lições da Escola da Vida**. Brasília, DF: Editora Escoteira, 1986.

SANTAELLA, Lucia. **A Teoria Geral dos Signos: Semiose e Autogerção**. São Paulo, SP: Ática, 1995.

_____. Lucia. **O que é Semiótica**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: Uma Teoria Social da Mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

UEB, União dos Escoteiros do Brasil. Disponível em: <www.escotismo.org.br>

Acesso em: 22/07/2006.

União dos Escoteiros do Brasil – Região do Rio Grande do Sul.

Disponível em <www.uebrs.cjb.net> Acesso: 02/11/2006.

ANEXO I – INSTRUMENTO DE COLETA

Instrumento de coleta de dados para pesquisa de estudo de caso, da acadêmica
Cecília Lima da Silva do curso de Comunicação Social do Centro Universitário
Feevale - Habilitação Publicidade e Propaganda -

Sexo: () Masculino () Feminino / **Idade:** / **Tempo na tropa:**.....

Responda as questões abaixo, considerando:

(1) Ruim, (2) Regular, (3) Bom, (4) Muito bom, (5) Excelente

1. Como você definiria seu relacionamento com seu chefe? ()
2. Como você observa a relação do seu chefe com os outros chefes do grupo? ()
3. Com relação às atividades que o chefe proporciona para a tropa, que nota você daria? ()
4. De que forma os jovens auxiliam na escolha das atividades. ()
5. O que você acha da forma como o chefe solicita as tarefas? ()
6. Qual é o nível de conhecimento do chefe quanto aos ensinamentos que transmite para a tropa? ()

Nas questões abaixo, marque apenas uma alternativa:

7. Você discorda do que seu chefe diz: () Sempre () Às vezes () Nunca
8. Você acredita no que seu chefe diz: () Sempre () Às vezes () Nunca
9. Você gosta dos jogos que o chefe traz para a atividade?
() Sempre () Às vezes () Nunca
10. Vocês realizam atividades de âmbito social? () Sempre () Às vezes () Nunca
11. O chefe estimula a amizade dentro da tropa? () Sempre () Às vezes () Nunca
12. O chefe faz atividades que estimulem vocês a pensar?
() Sempre () Às vezes () Nunca
13. Existem atividades onde você exercite sua espiritualidade?
() Sempre () Às vezes () Nunca
14. Os monitores têm um papel definido dentro da tropa?
() Sempre () Às vezes () Nunca
15. Você se sente à vontade para procurar seu chefe e falar sobre qualquer problema que esteja acontecendo contigo? () Sempre () Às vezes () Nunca

Nas questões abaixo, marque quantas alternativas achar necessário:

16. Você vê seu chefe como: () Amigo, () Pai, () Irmão mais velho, () Coronel
17. Com relação ao comportamento do seu chefe escoteiro, você observa se ele cumpre seus valores para com Deus?

“Cumpra os preceitos de sua crença religiosa”

“ Não cumpra os preceitos de sua crença religiosa”

“Nunca observei se ele tem alguma preocupação com valores”

18. Quando você fala o que pensa sobre qualquer assunto, seu chefe:

Ouve com atenção Toma uma atitude Cria um debate Não dá bola

19. Marque as características você acha que seu chefe possui:

Responsável Calmo Organizado

Irresponsável Agitado Desorganizado

Educado Paciente Motivado

Agressivo Impaciente Desanimado

20. Por que você é escoteiro?.....
.....
.....
.....
.....

ANEXO II – PROGRAMAÇÃO DA ATIVIDADE

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL – REGIÃO RS
GRUPO ESCOTEIRO PEREGRINO – 324

PROGRAMAÇÃO DE ATIVIDADE EXTERNA DA SEÇÃO: Escoteira

Dia	Horário	Atividade	Responsável
04/11	14:00	Inspeção, Bandeira, Oração e Avisos	Marcelo
	14:15	Preparar o material no carro de apoio	Jorge e Marcelo
	14:30	Saída a pé	André e Jorge
	15:15	Chegada ao Horto Florestal	André e Jorge
	15:15	Descarregar o material e preparar a cozinha	Marcelo e Jorge
	15:45	Fazer molde de pegada com gesso (duas diferentes)	Toda chefia
	16:30	Fazer trilha com sinais de pista (revezamento)	Toda chefia
	17:15	Fazer um percurso com orientação de bússola	Toda chefia
	18:00	Fazer um croqui do local	Toda chefia
	18:45	Arreamento da bandeira e preparar janta, apresentação e recolher o molde.	Gisele e Audri
	19:30	Jantar (carreteiro de charque e suco)	Jorge e Gisele
	20:30	Tocaia: Aproximar-se do chefe	Marcelo e Gisele
	21:15	Jogo: Fortaleza	André, Audri e Jorge
	22:00	Observação Astronômica, Fases da Lua, Eclipses, Constelações...	Marcelo
	23:00	Ceia (chá com bolacha)	Jorge e Gisele
	23:30	Lamparada, apresentações. Tema: Terror	Gisele e Audri
05/11	24:00	Horário de Verão	“Lula”
	01:30	Jogo: Manter a vela acesa	Jorge e Audri

	02:15	Atividade com cordas	André e Marcelo
	03:00	Jogo: Polícia e Ladrão	Jorge e Audri
	03:45	Salvamento	Toda chefia
	04:30	Jogo: Bate Lata	Marcelo e Gisele
	05:15	Rastreamento: Travessia	Jorge e André
	06:00	Alvorada Espiritual (ritual com movimentação)	Rosi, Audri e Gisele
	06:30	Desjejum (chocolate quente e sanduíche)	Jorge e André
	07:30	Limpeza e preparar o material no carro de apoio	Toda chefia
	08:00	Retorno a pé	André e Jorge
	08:45	Chegada à sede	Jorge e André
	08:45	Descarregar e arrumar o material	Marcelo e Jorge
	09:00	Debandar	Marcelo

ANEXO III – RELATO DO CHEFE ESCOTEIRO

“Entrei no movimento escoteiro com nove anos, portanto fui lobo no GE Carijós em São Paulo, cheguei ao Cruzeiro do Sul, em São Leopoldo. Passei para escoteiro no mesmo grupo. Por motivos econômicos tive que abandonar temporariamente o movimento.

Fui convidado pelo ex-akelá para participar praticamente da fundação do Grupo Escoteiro Olivetanos, também em São Paulo. Neste grupo atingi a primeira classe, não fui Liz de Ouro por causa de problemas com os documentos do grupo anterior. Passei para o ramo sênior na seção ar (escoteiro do ar). Mudei-me com a família para o RS, tentei participar da criação do clã pioneiro do Grupo Escoteiro Anhangüera há cerca de 20 anos atrás. Minha filha ingressou no Grupo Escoteiro Peregrino e fui convidado para retornar a ativa, o que aceitei com entusiasmo. Particpei como assistente durante aproximadamente um ano, quando o chefe de tropa pediu para se afastar e a diretoria me convidou para assumir a chefia da tropa. Aceitei relutantemente, pois o movimento escoteiro evoluiu muito desde minha época. Tento me adequar a realidade atual, estudando tudo que consigo e realizando os cursos, acabo de concluir o curso Básico Escotista.

O Movimento escoteiro foi importantíssimo em minha vida, tento retribuir um pouco do que recebi”.

Sempre alerta para servir!

Marcelo